

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

VERÔNICA TOSTES SILVA

**CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS NO  
BRASIL: UM OLHAR PARA AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS [1995-2022]**

Juiz de Fora

2023

VERÔNICA TOSTES SILVA

**CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS NO  
BRASIL: UM OLHAR PARA AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS [1995-2022]**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação do Prof. Dr. Juliano Guerra Rocha.

Juiz de Fora, 01 de dezembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Juliano Guerra Rocha  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
Orientador

---

Profa. Dra. Francisca Izabel Pereira Maciel  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Avaliadora

Dedico este trabalho a minha família, meus professores e ao orientador Juliano Guerra Rocha, pois foram minha base e me sustentaram ao longo desse lindo processo de aprendizado.

## AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me deu a oportunidade de cursar esta Faculdade, que me guiou sempre em todas minhas escolhas, me sustentou em momentos difíceis, me dando força e coragem para seguir e alcançar meus objetivos.

Agradeço a minha mãe Sandra Tostes, meu pai João Batista, minha irmã Jéssica Tostes, meu namorado Roberth Augusto, pois sem o apoio de vocês não seria possível chegar até esse momento. Obrigada por serem meu escudo, meu refúgio, meu porto seguro. Meu coração se enche de alegria em poder compartilhar com vocês esse momento, que não é só meu, é nosso!

Ao meu orientador, Juliano Guerra, que muito me ajudou, me possibilitando sonhar além do que havia imaginado, que me guiou em todo o processo, acreditou em mim e aumentou ainda mais meu desejo de estudar o tema, pois sempre teve uma alegria e carinho contagiante com nosso trabalho.

A minha amiga de curso, Leandra da Costa Oliveira, por todo companheirismo, apoio, ensinamentos e risos, que tornaram meus momentos mais leves, até mesmo nos dias nublados.

Gratidão também a Francisca Izabel Pereira Maciel, minha examinadora, por ter aceitado fazer a leitura de meu trabalho, também por ter me acolhido na pesquisa interinstitucional “Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento”, abrigada no Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tal acolhimento foi mais um incentivo para continuar minha pesquisa, sabendo de sua relevância.

Por fim, agradeço a todos os professores e equipes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, carinhosamente, às professoras Luciane Manera, Suzana Vargas e Jader Janer, os quais marcaram minha trajetória, devido às suas áreas de estudo.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Habilidades metalinguísticas	15
<b>Figura 2.</b> Estratégias para levantamento de dados	29
<b>Figura 3.</b> Porcentagem de pesquisas sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças por região no Brasil	43

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Habilidades metafonológicas	18
<b>Quadro 2.</b> Categorias temáticas das pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil	31

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Pesquisas desconsideradas	30
<b>Tabela 2.</b> Pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças ao longo dos anos no Brasil	33
<b>Tabela 3.</b> Relação dos estados por região e suas universidades sobre as pesquisas de CF na alfabetização de crianças no Brasil	39
<b>Tabela 4.</b> Graus das pesquisas por regiões sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil	43
<b>Tabela 5.</b> Relação de orientadores por universidade nas pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil	44
<b>Tabela 6.</b> Categorias Temáticas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil	50

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Número de pesquisas ao longo dos anos sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil	36
<b>Gráfico 2.</b> Graus das Pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil	37
<b>Gráfico 3.</b> Áreas das pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil	38



## RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), vincula-se à pesquisa interinstitucional “Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento”, abrigada no Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na qual a UFJF é parceira. Trata-se de uma metapesquisa, em que buscamos mapear e analisar as produções acadêmicas que investigam as relações entre consciência fonológica (CF) e a alfabetização de crianças no Brasil. Para tanto, apoiamos-nos em Moraes (2005, 2012, 2015, 2020), Soares (1989, 2014, 2020, 2021), Soares e Maciel (2000), Maciel (2014), Ferreiro e Teberosky (1979), dentre outros. Nesse sentido, fizemos um levantamento de teses e dissertações no Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em que consideramos apenas pesquisas realizadas com crianças, no ambiente escolar e que relacionavam a CF com o processo de alfabetização. Dessa forma, ficaram excluídas as pesquisas realizadas apenas em clínicas ou demais espaços, além das que tratavam de alfabetização em outras línguas, que não a Portuguesa, e no contexto da Educação de Jovens e Adultos. Ao todo foram consideradas pertinentes 173 pesquisas, a primeira delas sendo do ano de 1995 e a última de 2022. Além disso, tais pesquisas foram reunidas em 10 categorias temáticas, a saber: CF Leitura e Escrita; CF e Escrita; CF e Práticas Pedagógicas; CF e Leitura; CF e Materiais Didáticos; CF e Educação Especial; CF e Tecnologias Digitais; CF e Desenvolvimento Infantil; CF e Formação de Professores; CF e Transtorno de Aprendizagem. Ademais, organizamos os dados da pesquisa em tabelas, constando a área de pesquisa, o grau, o ano, a universidade e os orientadores. Como resultado percebemos a existência de várias produções acadêmicas que tratavam da temática em pauta, a maioria delas considerava a CF relevante para o processo de alfabetização, afirmando a necessidade desse trabalho iniciar na Educação Infantil. Outrossim, abordam a importância de se priorizar mais o debate sobre a consciência fonológica nos cursos de formação inicial e continuada de professores alfabetizadores.

**Palavras-chave:** Alfabetização; consciência fonológica; estado do conhecimento.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS	14
3. METODOLOGIA	24
3.1 Pesquisa de “estado do conhecimento”	24
3.2 Alfabetização no Brasil: estado do conhecimento (ABEC)	26
3.3 Coleta de dados: caminhos percorridos	27
4. ANÁLISE DE DADOS	32
4.1 Mapeamento das produções acadêmicas sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças no Brasil	32
4.2 Temáticas abordadas nas produções acadêmicas sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças no Brasil	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE	73

## 1. INTRODUÇÃO

O período de alfabetização é um dos mais importantes na etapa de escolarização das crianças, pois é nele que elas vão se apropriar do sistema de escrita alfabética, dos usos e funções sociais da língua escrita. Tal período, no meu percurso escolar, foi um dos mais marcantes, pois recordo-me perfeitamente da época em que fui alfabetizada com o método silábico.

Chegando no Ensino Superior, na Universidade Federal de Juiz de Fora, no curso de Licenciatura em Pedagogia, cursei a disciplina de Fundamentos Teóricos-Metodológicos em Alfabetização no terceiro período. Acreditava que iria aprender a alfabetizar também com o método silábico, já que ele marcou a minha vida e percebia sua permanência nas práticas das professoras alfabetizadoras. No entanto, logo no início da disciplina, a partir da imersão e discussão balizadas em teóricos do campo da alfabetização, refutei essa hipótese, conheci outros métodos tradicionais, como fônico, global, dentre outros, e percebi que todos eles tinham lacunas. Compreendi a teoria da psicogênese da língua escrita, o construtivismo, todavia, tudo ainda era muito novo e precisava de mais estudos e aprofundamentos.

Como isso, no quarto período da Faculdade, comecei a participar como voluntária do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto “Alfabetização”, onde conheci a obra *Alfaletrar*, de Magda Soares (2020), a qual me acompanha e serve de base até os dias atuais.

Entretanto, quanto mais estudava e me aprofundava mais percebia a densidade das teorias sobre alfabetização e letramento, e como não poderia deixar passar nenhuma oportunidade de continuar em busca por conhecimentos, no sexto e sétimo períodos, cursei as disciplinas eletivas “Oficina de Alfabetização I e II”, em que nos foi possibilitado o trabalho com jogos de alfabetização. Todo esse contato com a área me deu a certeza da realização de uma pesquisa e da continuidade dos estudos no campo da alfabetização.

Nestes períodos, vivenciando a produção de jogos, conhecendo suas potencialidades para uma alfabetização lúdica e significativa, comecei a fazer relação desses materiais com a consciência fonológica (CF), que tornou-se a temática central da presente pesquisa. Tal relação, como pode ser percebido, demorou um pouco a ser realizada, e precisava ainda de mais aprofundamento.

A CF é um tema denso e carrega consigo diversas perspectivas. Na primeira leitura do *Alfaletrar* não havia conseguido me apropriar deste assunto, lendo sem fazer nenhuma

marcação onde Soares (2020) versava sobre o tema. Confesso que carregava perspectivas do senso comum e até mesmo alguns preconceitos, relacionando CF com método fônico.

Alcançar o entendimento do que é CF e como desenvolvê-la no processo de alfabetização é o que persigo nessa investigação, buscando que os conhecimentos adquiridos sejam relevantes para a minha prática pedagógica enquanto futura professora alfabetizadora, e também para os que se interessam pelo tema. Dessa maneira, problematizamos: o que vem sendo investigado acerca do tema consciência fonológica na alfabetização de crianças nas universidades brasileiras?

Logo, este trabalho assumiu por objetivo geral *mapear* e *analisar* as produções acadêmicas que investigam as relações entre CF e a alfabetização de crianças no Brasil.

Os verbos que introduzem o objetivo geral, desvelam as especificidades de nossa investigação. No âmbito do *mapear*, buscamos inventariar por ano, grau, região, universidade e orientador, as pesquisas acadêmicas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil. No que tange ao *analisar*, nosso intuito foi identificar quais perspectivas teóricas e metodológicas estão presentes nessas investigações e propor categorias temáticas que auxiliam para compreensão das relações entre CF e alfabetização de crianças.

Para isso, realizamos uma metapesquisa, a partir de Teses e Dissertações produzidas em programas de pós-graduação de universidades brasileiras, visando abarcar as contribuições das produções acadêmicas do campo da alfabetização, especificamente no que abordam sobre o tema da CF, identificando lacunas da área, na perspectiva de compartilhar e inter cruzar os achados dessas investigações e não de fazer críticas sobre as mesmas. Destarte, nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está abrigado na investigação “Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento” (ABEC), iniciada nos anos de 1980, pela Professora Magda Soares, e continuada no âmbito do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a coordenação da Professora Francisca Izabel Pereira Maciel. Como esta pesquisa tem um caráter interinstitucional, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) participa como integrante, e este TCC a ela se vincula.

É relevante ressaltar que existem outras pesquisas que já objetivaram fazer esse mapeamento e discussão sobre a temática central de nossa investigação, como a pesquisa de Nazari (2010) denominada “Panorama de pesquisas sobre consciência fonológica de crianças com desenvolvimento normal realizadas no Brasil: 1991 até 2009”. Todavia, conforme veremos, o grande diferencial está no nosso *corpus* de pesquisa, de modo que, aqui, discutimos apenas Teses e Dissertações, e em Nazari (2010) o *corpus* foi composto por 67

artigos, 13 Dissertações, 6 Teses, 3 monografias de especialização e 1 instrumento de CF, totalizando 90 produções acadêmico-científicas.

Além dessa, temos a pesquisa de Sperrhake, Azambuja e Piccoli (2022), intitulada “Alfabetização e Consciência Fonológica na produção acadêmica em nível de pós-graduação no Rio Grande do Sul (1993-2020)”, publicado no ano de 2022. Tal pesquisa, também se difere da nossa, pois as autoras trazem como *corpus* apenas as produções acadêmicas sobre CF de universidades e programas de pós-graduação do estado do Rio Grande do Sul.

Existe também o trabalho de Amorim (2014) denominado “Estado da arte sobre consciência fonológica na educação infantil no Brasil no período de 2001-2011”. Como o título mesmo já demonstra, a autora considerou apenas as produções acadêmico-científicas referentes à CF na Educação Infantil.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho está organizado em quatro principais seções. Na primeira, para adentrarmos nas perspectivas sobre a CF, buscamos embasamento teórico, compreendendo como a literatura na área da educação trata o tema. Dessa forma, nos apoiamos em autores Moraes (2005, 2012, 2015, 2020), Soares (1989, 2014, 2020, 2021), Soares e Maciel (2000), Maciel (2014), Ferreiro e Teberosky (1979), dentre outros.

Na sequência, apresentamos nossos percursos metodológicos, buscando esclarecer a natureza dessa investigação, como sendo uma metapesquisa, visando a concretização do estado do conhecimento das investigações sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças. Tomamos nota do percurso percorrido ao longo da pesquisa, para situar o leitor de como ocorreu a busca pelos dados, a seleção e a análise do material. Insta esclarecer que o recorte temporal desse TCC foi entre os anos de 1995 e 2022. O marco inicial deve-se ao fato de ter sido o ano em que identificamos e tivemos acesso à primeira Dissertação sobre o tema e, em 2022, o ano final delimitado em nossas buscas.

Na seção “Análise de Dados” trouxemos tabelas, gráficos e figuras sintetizando os principais apontamentos encontrados nas pesquisas, o que nos permitiu fazer um mapeamento e enxergar variadas questões que ficam nas entrelinhas das investigações. Conseguimos perceber a quantidade de pesquisas por regiões do Brasil, estados e Universidades que foram destaques, além das áreas de formação e os graus das pesquisas. Além disso, aproximando as Teses e Dissertações por focos que são similares, as organizamos em categorias temáticas que permitem identificar os temas privilegiados dentro do nosso objeto de estudos.

Por fim, nas considerações finais trazemos nossos apontamentos e impressões sobre os resultados da pesquisa, sobre as lacunas e aspectos relevantes das mesmas. Com isso, ensejamos apontar caminhos para que o trabalho com a CF se faça presente nas escolas,

visando garantir que as crianças se apropriem do sistema de escrita alfabética de forma significativa.

## 2. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

Ao usar a linguagem, as crianças tendem não só a tratá-la como um meio para interagir com os outros membros da cultura ao seu redor, pedindo ou fornecendo informações, expressando sentimentos ou interesses, mas também pensando sobre a língua, analisando-a, tratando a própria linguagem como objeto de reflexão (MORAIS, 2020, p. 41).

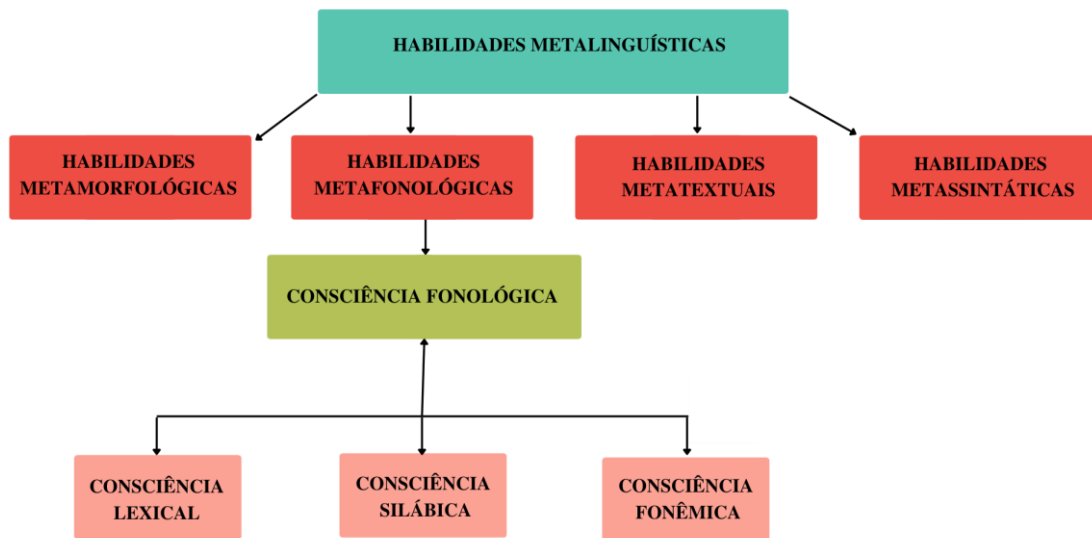
As crianças desde muito pequenas utilizam a linguagem para interação, sendo capazes também de “brincar com as palavras, trabalhar mentalmente sobre elas, observando seus “pedaços” ou segmentos sonoros” (MORAIS, 2012, p. 83). De acordo com Maluf (2003), o surgimento da fala “deve ser visto como fenômeno natural e espontâneo, que ocorre de modo quase automatizado” (MALUF, 2003 *apud* NAZARI, 2010, p. 28). Porém, o conhecimento sobre o sistema de escrita alfabética não deve ser visto da mesma forma, como se não houvesse a necessidade de mediação, pois para o seu aprendizado ocorrer há a necessidade da manipulação intencional e reflexiva da língua escrita, tal como nos aponta Soares (2020).

Nesta reflexão sobre a língua, sobre as palavras e suas partes, surgiu o conceito de consciência fonológica (CF), como uma das dimensões de nossas habilidades metalinguísticas<sup>1</sup> importantes para o domínio da linguagem escrita. Logo, nesta seção, objetivamos apresentar os principais conceitos sobre essa temática, demarcando nossas concepções e bases teóricas. Ancorando-nos em Morais (2020), compreendemos que a CF tem uma definição ampla e envolve variadas habilidades de reflexão e manipulação da palavra oral em diferentes níveis, que podem ser de maior ou menor grau de complexidade. Dentre as habilidades metalinguísticas, para o autor, as habilidades metafonológicas são sinônimas de CF.

---

<sup>1</sup> Para Morais (2020), as habilidades metalinguísticas são subdivididas em: metatextuais; metassintáticas, metamorfológicas e metafonológicas.

**Figura 1.** Habilidades metalinguísticas



**Fonte:** Morais (2020) e Soares (2020).

Magda Soares é outra referência da área de alfabetização, que nos ajuda a compreender um pouco mais a questão da consciência fonológica. Em sua obra denominada *Alfabetização: a questão dos métodos*, a autora afirma que a consciência fonológica se insere dentro da “consciência metalinguística”, o que para Morais (2020) foi denominado de “habilidade metalinguística”, sendo que CF é “a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas” (SOARES, 2020, p. 77). Além disso, a autora apresenta a consciência fonológica dividida em três níveis, necessários para que se alcance o princípio alfabético, sendo eles a consciência lexical, a consciência silábica e consciência fonêmica.

De acordo com Soares (2020), a consciência lexical está relacionada a rimas e aliterações, ou seja, é a capacidade de perceber que as palavras são uma cadeia de sons, representadas por uma cadeia de letras, e que seus segmentos podem ser iguais. Em seguida, temos a consciência silábica, como a capacidade de perceber a segmentação das palavras em sílabas. Por fim, a consciência fonêmica, como a percepção dos pequenos sons que constituem as sílabas, os fonemas. Tal ordem dos níveis, primeiro o lexical, depois silábico e por fim fonêmico, aparece representada em um esquema na obra da autora, entretanto é importante ressaltar que essa ordem não acontece dessa forma, os níveis podem acontecer simultaneamente.



Até meados dos anos 1980, Mortatti (2000) nos explica que, acreditava-se na chamada “prontidão” como requisito para a alfabetização das crianças, ou seja, a criança deveria ter atingido um certo nível de “maturidade” para ser alfabetizada, com isso, para averiguar tal nível, os docentes aplicavam testes. Entretanto, como nos fala Soares (2021), esses testes incluíam avaliação de coordenação auditiva-motora, capacidade de prolação, ou seja, habilidades que não tinham como referência relações entre a língua oral e sua representação na escrita. Tais relações começaram a surgir apenas a partir dos anos 1980, com o conceito supracitado, de consciência fonológica, além das contribuições da teoria da psicogênese da língua escrita, que evidenciam a importância da compreensão dessas relações para que a criança alcance o princípio alfabético (MORAIS, 2020).

Para alcançar a “prontidão”, treinava-se o aluno, na educação infantil ou no começo da primeira série, nas já mencionadas habilidades de memória e perceptivo-motoras. Diariamente os alunos eram submetidos a atividades como cobrir pontinhos ou copiar linhas sinuosas, cobrir vogais com feijões, etc. Na realidade, a escola não permitia que o aluno convivesse com a linguagem escrita – não se liam textos dos diversos gêneros que circulam socialmente – nem criava situações para o aluno refletir sobre como a escrita alfabética funciona. Não havia uma reflexão sobre as palavras em si (MORAIS, 2005, p. 40).

Tendo como base o livro *Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização*, de Morais (2020), é possível compreender que no Brasil, desde 1980, ocorrem pesquisas no campo da consciência fonológica, mostrando também sua relação com a alfabetização.

Morais (2020) e Soares (2020), dentre outros, trouxeram para discussão a necessidade de práticas de leitura e produção de textos reais, que circulavam verdadeiramente na sociedade, além de um ensino sistemático da escrita alfabética, abordando uma reflexão metalinguística baseada, sobretudo, na teoria da psicogênese da língua escrita, de Ferreiro e Teberosky (1979). Logo, os estudos empreendidos por Morais, no final do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI, compreendem a escrita alfabética como um sistema notacional, percebendo assim, a necessária conciliação dos estudos sobre consciência fonológica e a visão construtivista do aprendizado da língua escrita. Segundo Morais (2020), “a notação escrita favorece a reflexão das crianças sobre as partes sonoras das palavras” (MORAIS, 2020, p. 66).

Ainda nos anos 1980 (cf. STANOVICH, 1986; MORAIS *et al.*, 1987), foi se tornando consensual a compreensão de que é interativa (ou de mútua influência) a relação entre desenvolvimento da consciência fonológica e alfabetização: se algumas habilidades de consciência fonológica permitem avançar no aprendizado inicial da leitura e da escrita, o domínio do SEA faz

com que o indivíduo passe a ser capaz de fazer certas operações sobre as unidades sonoras das palavras que ele não conseguia realizar antes de alfabetizar-se (MORAIS, 2020, p. 49).

A compreensão do sistema de escrita alfabética como sendo notacional e não um código é algo que impacta diretamente nas práticas de alfabetização e letramento. Conseqüentemente, precisamos ter clara a ideia de que um código precisa ser memorizado, decorado, o que reverbera em atividades como testes de prontidão, mecanização, repetição etc. Tendo em vista o sistema alfabético como notacional, percebemos que o indivíduo para alfabetizar-se precisa comparar e refletir sobre essa escrita, para fazer relações e conseguir ir se apropriando das convenções da língua. Morais (2005) em seu texto “Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização?”, compartilha conosco o depoimento de uma professora alfabetizadora, onde conta a história do aluno Pedro, que copiava tudo do quadro, letra após letra, traçava perfeitamente a letra cursiva, apesar disso não era alfabetizado. Com este depoimento, Morais (2005) chama atenção para o fato de o menino ter uma boa capacidade de memorização, tendo memorizado cada traçado, de cada letra, no entanto era tudo feito mecanicamente, ou seja, não parava para refletir sobre sua escrita.

Em síntese, dispomos hoje de uma explicação extremamente diferente – e a nosso ver mais adequada – para o que é a tarefa de aprender uma escrita alfabética. Ao concebê-la como um sistema notacional, passamos a ver que habilidades como a memória e a destreza motora, necessárias ao ato físico de notar (registrar palavras com letras no papel, ou noutro suporte) estão subordinadas à compreensão, ou seja, às representações mentais que o indivíduo elabora sobre as propriedades do sistema (MORAIS, 2005, p. 44).

Isto posto, outra questão importante de se chamar atenção, é que Morais (2015) concordava em partes com a teoria da psicogênese da língua escrita, pois as autoras questionavam o papel da consciência fonológica na alfabetização. Entretanto, conforme Soares (2021) explicita:

É a consciência silábica que, possibilitando a segmentação da palavra em sílabas, introduz a criança no que Ferreiro (2004: 146) denomina período de fonetização da escrita, em que “as crianças realizam espontaneamente uma série de recortes orais, tratando de encontrar a letra adequada para tal ou qual parte da palavra”. O passo inicial da fonetização da escrita é a escrita silábica: capaz de recortar oralmente a palavra em sílabas, e já compreendendo que a escrita representa os sons das palavras, e que estes são representados por letras, a criança começa a escrever silabicamente - as letras para representar os recortes orais que identifica nas palavras: neste momento inicial, as sílabas (SOARES, 2021, p. 187).

Segundo Morais (2015), é necessário recuperarmos a máxima, de que consciência fonológica é um conjunto de habilidades metafonológicas, e que essas não se restringem, estritamente, à segmentação fonêmica. Dessa forma, a segmentação da palavra em sílabas é uma dessas habilidades, a primeira delas, como podemos observar abaixo:

### **Quadro 1. Habilidades metafonológicas**

- 
1. Separação oral de sílabas;
  2. Contagem de sílabas na palavra;
  3. Separação de fonemas nas palavras;
  4. Contagem de número de fonemas na palavra;
  5. Identificação de palavras maiores que outras;
  6. Produção de palavras maiores que outras
  7. Identificação de palavras que começam com a mesma sílaba;
  8. Produção de palavras que começam com a mesma sílaba;
  9. Identificação de palavras que começam com o mesmo fonema;
  10. Produção de palavras que começam com o mesmo fonema.
- 

**Fonte:** Morais (2015, p. 65).

Antes de aprofundarmos um pouco mais nas habilidades metafonológicas, é importante explicitar alguns pensamentos de Morais (2020), como a importância de primeiro ser solicitada a identificação de palavras e somente depois a sua produção, por ser cognitivamente menos complexo identificá-las, do que produzi-las. Sobre a ordem das habilidades, o autor afirma que seus estudos demonstraram que a chegada às hipóteses silábica e alfabética são reflexos do avanço no domínio das habilidades sobre sílabas e, em seguida, sobre fonemas. Entretanto, também é importante ressaltar que o autor observa o fato do desenvolvimento de habilidades metafonológicas não garantirem automaticamente a compreensão do sistema de escrita alfabética.

A primeira e a segunda habilidades metafonológicas, “separação oral de sílabas” e “contagem de sílabas na palavra”, respectivamente, buscam levar a criança a refletir sobre o tamanho das palavras, a quantidade de letras, possibilitando, assim, a superação do realismo nominal, ou seja, o pensamento de que o tamanho das palavras tem relação direta com o tamanho do que ela representa, dessa forma, as crianças estão pensando no significado das palavras e não em seu significante (MORAIS, 2005; SOARES, 2021). Destarte, devem ser possibilitados contatos com palavras, previamente escolhidas que ajudem nessa reflexão, como, por exemplo, leão e borboleta, onde leão é um animal grande, mas a palavra é escrita

com poucas letras e com duas sílabas, em contrapartida borboleta é um inseto pequeno, com maior número de letras e com quatro sílabas.

Morais (2020) chama-nos atenção, nessas duas habilidades, para as causas dos erros das crianças nessas separações e contagens das sílabas orais. O autor destaca a dificuldade delas em representar as sílabas tônicas das palavras, onde geralmente apareciam em suas escritas a repetição da vogal dessas sílabas, como por exemplo, a palavra sofá era escrita so-fa-a. Além de fazer essa repetição, outra possibilidade de erro que Moraes (2020) nos mostra referente à tonicidade das palavras, é quando a criança segmenta em sílabas de acordo com a forma como pronunciou a palavra, como por exemplo, na palavra máquina, a criança separa em duas sílabas, má-quina, ou seja, a tônica em uma sílaba e o restante em outra.

Isto posto, o jogo “Batalha de palavras” pode ser uma ferramenta interessante para esta separação e contagem oral de sílabas, seguido ainda de uma atividade impressa com o mesmo objetivo para ajudar na sistematização dos conhecimentos das crianças. Este jogo auxilia a criança a perceber que as palavras são constituídas de unidades sonoras, ou seja, as sílabas (BRANDÃO *et al.* 2020).

A terceira e a quarta habilidades, denominadas respectivamente “separação de fonemas nas palavras” e “contagem de número de fonemas na palavra” são importantes quando percebemos que no momento de leitura e escrita, para encontrar as devidas letras que representam as sílabas das palavras, precisamos pensar nesses fonemas e fazer a relação som-letra. Com isso, é importante ficar evidente que quando falamos de fonema, no âmbito das práticas de alfabetização, estamos pensando na letra, e não em seu som isolado (SOARES, 2021; 2020). Moraes (2020) também nos ajuda a entender o princípio dos erros das crianças, pois como na oralidade não pronunciamos fonemas separadamente, e sim pronunciamos sílabas, elas tendem a falar ou anotar as sílabas. Entretanto, palavras monossílabas, contendo duas vogais, as crianças conseguem separar isoladamente os fonemas, como por exemplo, a palavra “eu”, separada e-u, visto que na nossa língua portuguesa as vogais isoladas podem constituir sílabas. Para essas habilidades, um jogo de montar palavras, tendo imagens e letras separadas, ajuda as crianças a refletirem sobre os fonemas das palavras, pensando nas letras e em seus valores sonoros de forma lúdica e prazerosa.

Na quinta e sexta habilidades metafonológicas, “identificação de palavras maiores que outras” e “produção de palavras maiores que outras” estão diretamente relacionadas com as duas primeiras, sendo essas, condições para que as crianças consigam identificar e produzir palavras maiores. Atividades com cruzadinhas podem ajudar a criança a fazer essas

identificações, enquanto escreve as palavras podem refletir sobre a quantidade de letras que estão sendo utilizadas, além de refletir sobre seus tamanhos (COUTINHO, 2005).

Na sétima e oitava habilidades, “identificação de palavras que começam com a mesma sílaba” e “produção de palavras que começam com a mesma sílaba”, já estão em partes relacionadas com as quatro primeiras habilidades, pois a criança precisa identificar a primeira sílaba, e depois reconhecer seus fonemas. De acordo com Morais (2020), nas habilidades sete e oito, as crianças em hipótese de escrita pré-silábica tendiam a pensar no tamanho das palavras, ou então, estavam presas ao realismo nominal, comparavam palavras com mesma sílaba inicial, pensando em seus atributos físicos ou funcionais, como por exemplo, para elas “cavalo e raposa começavam de forma parecida, porque os dois têm quatro patas” (MORAIS, 2020, p. 96). Além disso, outros fatores presentes nas reflexões das crianças sobre sílabas iniciais eram as rimas e o enfoque na vogal da primeira sílaba. Com isso, segundo Morais (2020), quando era solicitado das crianças a produção de palavras com mesmas sílabas iniciais, elas respondiam por exemplo, madeira e cadeira, visando a rima, ou então piloto e cigarro, dando enfoque para a vogal I, presente nas duas sílabas iniciais.

Isto posto, o jogo “Dado Sonoro” é estratégia interessante para ajudar as crianças nessa identificação de palavras com mesma sílaba inicial, seguida também de uma atividade impressa para consolidação dos conhecimentos. O jogo funciona da seguinte forma: temos um dado de oito faces, uma cartela com oito palavras numeradas, que deverá estar à vista dos jogadores durante o jogo, e vinte e quatro cartas, sendo três cartas com mesma sílaba inicial de cada palavra da cartela. Joga-se o dado, vê na cartela numerada a palavra correspondente, e procura nas cartinhas uma palavra que contém a mesma sílaba inicial da palavra sorteada (BRANDÃO *et al.*, 2020).

Além desse jogo, outro denominado “Bingo dos sons iniciais” também pode ajudar nessa reflexão, pois nele são distribuídas cartelas para os jogadores, com imagem e palavra, e será sorteada fichas escritas, às quais as crianças têm que identificar a sílaba inicial e marcar em sua cartela caso houver alguma palavra que começa com o mesmo som, vencendo ao final quem preencher primeiro a cartela completa (BRANDÃO *et al.*, 2020).

Por fim, as habilidades nona e décima, “identificação de palavras que começam com o mesmo fonema” e “produção de palavras que começam com o mesmo fonema”, as crianças apresentam maior dificuldade. O fato de não pronunciarmos na fala fonemas isolados, também é fator dificultante, até mesmo para as crianças em hipótese alfabética. Com isso, segundo Morais (2020), quando solicitam essas habilidades das crianças elas justificaram suas respostas com a sílaba inicial, e não com o fonema. Por exemplo, nas palavras palito e peteca,

muitos diziam que o fonema inicial era PA e PE, e não apenas o P, ou quando era solicitada a produção de palavras apenas com o fonema inicial, elas produziam palavras com a mesma sílaba inicial, por exemplo, as palavras palito e papel.

O jogo “Mais uma” é interessante para se pensar nesse fonema inicial, pois nele são distribuídas às crianças, cartelas com duas palavras e suas respectivas imagens; em uma dessas palavras uma letra fica em branco para que a criança decida qual letra completa corretamente a palavra. Por exemplo, faca e vaca, na cartela ou a letra F ou a letra V fica em branco, para que a criança perceba que mudando apenas uma letra, muda completamente o significado da palavra.

Além desse jogo, temos também, contemplando o mesmo objetivo o “Bingo dos sons iniciais”, onde são distribuídas cartelas para as crianças, e sorteiam palavras, e elas precisam identificar qual letra representa o fonema inicial e marcar em sua cartela; vence, ao final, quem marcar primeiro todas as suas palavras.

Morais (2020) além das dez habilidades metafonológicas listadas anteriormente, traz uma décima primeira habilidade: “identificar a presença de uma palavra dentro de outra”.

Para desenvolver essa habilidade, o autor cita o jogo “Palavra dentro de palavra”. Nesse jogo são utilizados dois tipos de cartas: cartas contendo a figura mais a sua palavra escrita, e cartas contendo apenas figuras. Distribui-se, igualmente, as cartas com as figuras para as crianças. As cartas que contêm a figura mais a sua palavra escrita estarão dispostas em um monte, no centro da mesa. A criança retira do monte uma carta e irá identificar se em sua mão tem alguma figura cuja escrita esteja dentro dessa palavra retirada; se tiver, desce para a mesa o par, se não, descarta. O próximo jogador pode decidir se compra uma carta ou pega a que foi descartada; vence ao final, quem completar todos os pares. Por exemplo, a criança tem em sua mão a figura de UVA, ao retirar uma carta do monte, pega a carta com a figura e a escrita da palavra LUVA. Nesse sentido, a palavra UVA está contida na palavra LUVA, portanto, a criança fez um par.

Diante do que foi explicitado, nota-se que a consciência fonológica é essencial para compreensão do princípio alfabético, pois com seus níveis e habilidades se desenvolve uma “sensibilidade” para a cadeia sonora da fala, ajudando na dissociação do significado, libertando os aprendizes do realismo nominal com possibilidade de segmentação em sílabas e possibilitando sua reflexão necessária no momento de ler e escrever (MORAIS, 2020). É relevante chamar atenção, conforme enfatizamos pelos exemplos anteriores, que as habilidades metafonológicas não funcionam como testes, devem ser exploradas por meio de

atividades lúdicas e desafiadoras com a mediação da professora. Contudo, Morais (2015) alerta que tais habilidades não são suficientes para a alfabetização.

Por outro lado, como já indicamos em outras ocasiões (MORAIS, 2004, 2006, 2012), entendemos que Ferreiro e vários de seus colaboradores, ao tratarem a escrita alfabética como um sistema notacional e rejeitarem a visão de código, tendem a desconsiderar o papel da consciência fonológica no processo de compreensão daquele sistema. Parecem tratar esse tipo de habilidades metalinguísticas como mera consequência da alfabetização e não como um requisito para que o aprendiz venha a desenvolver hipóteses silábicas e alfabéticas de escrita (MORAIS, 2015, p. 61).

Em estudos internacionais, o conceito de CF já esteve diretamente ligado à defesa do método fônico, ou seja, dando ênfase à questão fonêmica. Segundo Morais (2020), “alguns autores passaram a usar a expressão “sensibilidade fonológica” para designar, por exemplo, as habilidades de identificar palavras que rimam ou que apresentam aliteração” (MORAIS, 2020, p. 54). Além disso, passaram a “reservar o termo “consciência fonológica” para habilidades que envolvessem exclusivamente fonemas, e que implicaram algum tipo de “manipulação” sobre as palavras orais” (MORAIS, 2020, p. 55).

Tendo em vista essa concepção, Vernon e Ferreiro (1999) realizaram um estudo onde comprovaram que apenas crianças em níveis mais avançados de escrita conseguiam separar os fonemas nas palavras, ou seja, consciência fonêmica não era requisito para compreensão do sistema de escrita alfabética. Dessa maneira, as autoras não relacionam a consciência fonológica com os avanços nas hipóteses de escrita, e buscam refutar a concepção de que a criança precisa primeiramente compreender os fonemas para depois ler e escrever.

A aprendizagem está, sem dúvida, influenciada pelo ensino, mas não é criada por ele. Um insistente debate centrado nos métodos de ensino parece refletir as velhas ideias empiristas sobre a natureza do processo de aprendizagem. Por outro lado, é um fato comprovado que as habilidades fonológicas podem ser treinadas em contextos meramente orais (Lindberg, Frost e Petersen, 1988). No entanto, o ensino direto e sistemático da análise em fonemas, o treinamento em consciência fonológica e o ensino das correspondências entre letras e fonemas talvez careçam de utilidade para todas as crianças. Pode beneficiar aqueles que já alcançaram níveis avançados (*invented spellers*, que corresponde aos silábicos-alfabéticos em espanhol). Mas as crianças em níveis evolutivos menos avançados talvez não compreendam a informação sobre fonemas. Estas crianças são capazes de analisar a fala, mas de outra maneira, e esta análise não lhes impedirá de chegar à consciência fonológica. No entanto, as capacidades analíticas prévias não podem ser reconhecidas quando se considera que a única maneira legítima de segmentar as palavras é em fonemas (VERNON; FERREIRO, 1999, p. 214).

Dessa forma, podemos perceber que Vernon e Ferreiro (1999) também veem a consciência fonológica muito ligada à análise de fonemas, diferentemente do que nos chama

atenção Morais (2015), de modo que consciência fonológica não é o mesmo que consciência fonêmica, mas sim uma reflexão metafonológica, que abrange a consciência fonêmica, como também a silábica e lexical.

Embora se afaste dessa compreensão de Emilia Ferreiro, Morais (2020) reconhece a sua importância, diferentemente de outros estudiosos da consciência fonológica, que diziam que para se alfabetizar a criança é necessário isolar fonemas e repeti-los numa tentativa de associar fonema-grafema. Segundo o autor, essa concepção associacionista de aprendizagem feita pelos estudiosos apresenta limitações, simplificando o trabalho do aprendiz, a partir de uma visão adultocêntrica sobre como a criança aprende. Além disso, há uma defesa do método fônico, portanto apresenta uma visão reducionista da língua e da linguagem, pois, para eles, o alfabeto seria um código, ler seria decodificar e escrever, codificar.

Nessa visão associacionista, cuja versão mais atual seria o conexionismo (cf. BROWN; CHATER, 2004; EHRI, 2013; CARDOSO-MARTINS, 2013), a criança avançaria à medida que fosse capaz de isolar os fonemas das palavras e de associar/conectar a cada fonema o grafema correspondente (MORAIS, 2020, p. 15).

Isto posto, fica claro o pensamento de Soares (2021), quando afirma que os métodos de alfabetização são falhos, pois consideram uma ou outra faceta da alfabetização. Não se trata de focar um aspecto da consciência fonológica, seja no nível da palavra, da sílaba ou do fonema. Defendemos que o trabalho na alfabetização deve possibilitar que a criança reflita sobre a língua escrita. Assim sendo, considerar apenas uma ou outra faceta prejudica o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, e corremos o risco de cair na memorização e mecanização no ensino.

Dessa forma, nos interessa, adiante, saber como as pesquisas acadêmicas vêm abordando o tema da consciência fonológica na alfabetização de crianças, ao longo dos anos no Brasil. Para isso, na próxima seção, iniciaremos explicitando a metodologia adotada em nossa pesquisa, que assume o caráter de estado do conhecimento. À vista disso, explicamos esse termo, discorrendo sobre a pesquisa “Alfabetização no Brasil: estado do conhecimento” (ABEC, Ceale/FaE/UFMG), na qual esse TCC está abrigado, abordando os caminhos percorridos e os cuidados para coleta dos dados.



### 3. METODOLOGIA

Nesta seção, demonstramos o conjunto de procedimentos que foram adotados na pesquisa, especificamente na coleta e análise de dados. Como já mencionamos, essa investigação está abrigada no âmbito da pesquisa interinstitucional “Alfabetização no Brasil: estado do conhecimento” (ABEC). A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) é parceira na ABEC e nosso trabalho contribui com a inserção de novas pesquisas no seu Banco de Dados, objetivando o levantamento atualizado das produções acadêmicas de alfabetização de crianças no Brasil, em específico, das que tratam sobre consciência fonológica.

Como supracitado, nos próximos itens exploramos o que é uma pesquisa de estado do conhecimento, em seguida discorreremos sobre a ABEC e, por fim, traçamos os caminhos percorridos para coleta de dados.

#### 3.1 Pesquisa de “estado do conhecimento”

Esse estudo se trata de uma metapesquisa, pois buscamos investigar, a partir das produções acadêmicas brasileiras, o que se tem pesquisado sobre o tema da consciência fonológica na alfabetização. Segundo Mainardes (2018), a metapesquisa significa “pesquisas sobre pesquisas” (MAINARDES, 2018, p. 305). De acordo com ele:

Geralmente, os trabalhos de revisão de literatura preocupam-se mais em sintetizar os resultados de um conjunto de pesquisas, dispensando menos atenção aos fundamentos teóricos das pesquisas revisadas. A metapesquisa, por sua vez, busca analisar, especialmente, os fundamentos teóricos das pesquisas e o significado destes no desenvolvimento teórico do campo do qual as pesquisas fazem parte (MAINARDES, 2018, p. 306).

Logo, utilizando essa metodologia, denominamos essa pesquisa como sendo de “Estado do Conhecimento” ou “Estado da Arte”, que, de acordo com Ferreira (2002, p. 258) tem o objetivo de:

[...] mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que forma e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p. 258).

Segundo Azambuja, Piccoli e Sperrhake (2022), os termos “Estado do Conhecimento” e “Estado da Arte” vêm sendo considerados sinônimos nas pesquisas

brasileiras. Entretanto, assumimos aqui o termo “estado do conhecimento”, pois Soares (2000) na pesquisa ABEC já o utilizava, devido ao termo “conhecimento” dar ideia de construção, não ser algo pronto e acabado. Além disso, Romanowski e Ens (2006) nos apresenta uma diferenciação entre os dois termos:

Os estudos realizados a partir de uma sistematização de dados, denominada “estado da arte”, recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções. Por exemplo: para realizar um “estado da arte” sobre “Formação de Professores no Brasil” não basta apenas estudar os resumos de dissertações e teses, são necessários estudos sobre as produções em congressos na área, estudos sobre as publicações em periódicos da área. O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de “estado do conhecimento” (ROMANOWSKI; ENS 2006, p. 39-40).

Além disso, compreendemos que a investigação empreendida nesse TCC assume um caráter descritivo e analítico, pois vamos mapear as produções acadêmicas sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças, analisando o estado do conhecimento dessa temática no Brasil.

Pesquisas na área da educação vêm crescendo muito nos programas de pós-graduação, entretanto, Romanowski e Ens (2006) chamam a atenção para a falta de mudanças significativas ocasionadas por essas pesquisas. Tal afirmação, demonstra a importância da realização de “estado do conhecimento”, que ajuda no mapeamento e sistematização do que se têm elaborado sobre algumas temáticas numa determinada área do conhecimento, quais foram as evoluções, lacunas e contradições encontradas, quais foram as principais vertentes teóricas e metodológicas, e até mesmo quais temáticas estão sendo mais silenciadas. As autoras reiteram:

O interesse por pesquisas que abordam “estado da arte” deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que vêm sendo tomados e aspectos que são abordados em detrimento de outros. A realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais (ROMANOWSKI; ENS 2006, p. 38-39).

No que concerne ao campo educacional, Magda Soares coordenou a primeira pesquisa brasileira de estado do conhecimento das investigações sobre alfabetização, aspecto que trataremos no próximo tópico.

### 3.2 Alfabetização no Brasil: estado do conhecimento (ABEC)

A pesquisa “Alfabetização no Brasil: estado do conhecimento” (ABEC) foi nossa principal base e inspiração para o levantamento de dados. Tal pesquisa se iniciou no ano de 1980, coordenada pela professora Magda Becker Soares, e com sua aposentadoria, no final dos anos de 1990, na UFMG, a professora Francisca Izabel Pereira Maciel assumiu a coordenação (MACIEL; ROCHA, 2021).

A relevância deste trabalho está tanto na organização do acervo, que possibilita aos pesquisadores acesso a um grande número de trabalhos sobre alfabetização, elaborados em diferentes programas de pós-graduação de todas as regiões brasileiras, o que permite uma visão nacional da produção acadêmica sobre o tema, quanto nas análises realizadas por Soares e Maciel sobre o referido acervo (MONTEIRO, 2018, p. 29).

A título de curiosidade, Maciel e Rocha (2021) explicitam que a ABEC surgiu como parte integrante de um projeto da Rede Latino-Americana de Informação e Documentação em Educação (Reduc), que tinha por objetivo realizar um estado da arte de temas educacionais. Com isso, a ABEC lançou dois relatórios como resultado das suas pesquisas (SOARES, 1989; SOARES; MACIEL, 2000).

Soares (1989) lançou o primeiro relatório, com análises de artigos de periódicos especializados, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado, livre-docência e de cátedra. Nos anos 2000, foi publicado o segundo relatório por Soares e Maciel (2000), tendo em vista o avanço da pesquisa. Neste relatório foram excluídos os artigos publicados em periódicos, por serem muito diferentes de produções acadêmicas, que vinham ganhando espaço com o crescimento dos programas de pós-graduação.

Os textos analisados na pesquisa foram separados em categorias, decididas através da “recorrência e singularidade dos temas abordados nos textos, que os dava autonomia e independência e não os tornava parte constituinte de um tema amplo” (SOARES; MACIEL 2000, p. 16). Com isso, na época, apareceram temas como prontidão, língua oral/língua escrita, produção de texto, concepção de alfabetização, método e dificuldades de aprendizagem, que, de acordo com as autoras, foram recorrentes em função das “contribuições das pesquisas da psicogênese, da sociolinguística e da linguística que alteraram a conceituação de língua oral e língua escrita e provocaram mudanças na concepção da aprendizagem da leitura e da escrita” (SOARES; MACIEL 2000, p. 17).

O termo “consciência fonológica” não aparece em ambos os relatórios. Concordamos com Sperrhake, Azambuja e Picolli (2022) que mesmo não comparecendo, essa terminologia

está, de certa forma, presente dentro da categoria “Sistema fonológico/ sistema ortográfico”. Sobre as pesquisas cadastradas nessa categoria, Soares e Maciel (2000) expõem que,

As baixas porcentagens de textos sobre os temas língua oral/língua escrita e sistema fonológico/sistema ortográfico indicam que estudos e pesquisas sobre o objeto do conhecimento no processo de alfabetização a língua escrita, suas relações com a língua oral são, ainda, insuficientes na produção acadêmica e científica, apesar da fundamental importância atribuída, atualmente, a essa questão, para a compreensão do processo de alfabetização (SOARES; MACIEL, 2000, p. 18).

Insta esclarecer que a ABEC tem o maior acervo de pesquisas de alfabetização do território brasileiro, devido a sua longevidade. Sua Base passa por atualização, devido a uma remodelagem, o que fez com que recorrêssemos ao Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), conforme descrevemos abaixo. Nesse sentido, nossa intenção é que após o lançamento da nova Base ABEC, previsto para 2024, possamos cadastrar as pesquisas aqui inventariadas.

### **3.3 Coleta de dados: caminhos percorridos**

Demos início à coleta de dados no dia 06 de outubro de 2022, buscando no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as Teses e Dissertações sobre a temática do nosso TCC. Como nossa pesquisa é um “estado do conhecimento”, primeiramente, fizemos uma busca com o termo “consciência fonológica” e encontramos 417 Teses e Dissertações cadastradas. Sabemos dos limites desta investigação, uma vez que outras pesquisas sobre o tema estão abrigadas sob as terminologias “análise fonológica”, “reflexão fonológica”, dentre outras, porém, em virtude do tempo previsto para conclusão do trabalho, a palavra-chave para as busca concentrou-se no termo “consciência fonológica”, por acreditar ser o mais usual na literatura acadêmica na área educacional.

Refinando ainda mais o *corpus* da pesquisa, fizemos uma primeira seleção, destacando aqueles trabalhos que tinham o termo “Consciência Fonológica” em seu título. Feito esse primeiro filtro, dos 417 trabalhos restaram 117. Na sequência, priorizamos os textos da área da educação, relacionados com a alfabetização de crianças em língua portuguesa, no processo de escolarização regular, com atividades realizadas dentro da sala de aula. Dessa forma, ficaram de fora: alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em instituições de Educação Especial. Por conseguinte, dos 117 textos 63 foram considerados relevantes e fariam parte do *corpus*.

No entanto, ao longo dos estudos, com as reflexões e discussões possibilitadas com nosso quadro teórico, percebemos que alfabetização é algo que não ocorre apenas nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, e tampouco apenas dentro de sala de aula. A alfabetização é bem mais ampla, podendo se iniciar logo na Educação Infantil e se estender até o final dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, seja na sala, no pátio, no refeitório, no parque, na biblioteca, dentre outros espaços escolares, podem se desenvolver atividades que auxiliem o estudante na apropriação do sistema de escrita alfabética. Logo, sentimos a necessidade de voltar aos dados e ampliarmos os nossos filtros.

Assim sendo, no dia 16 de maio de 2023, 7 meses depois da primeira busca no Banco de Dados da CAPES, realizamos outro levantamento, no qual pesquisando o termo “consciência fonológica”, foram descobertas 432 pesquisas, 15 pesquisas a mais do que no ano anterior.

Novamente, fizemos uma pré-seleção das pesquisas pelos títulos, eliminando aquelas que focalizavam outros públicos, que não o infantil. A partir dessa primeira triagem, fizemos, posteriormente, a leitura dos resumos dos trabalhos.

Insta esclarecer que nem todas as pesquisas inventariadas apresentavam o resumo e o trabalho completo na plataforma da CAPES, pois eram anteriores à Plataforma Sucupira. Logo, tivemos que procurar nos repositórios institucionais das universidades, os trabalhos completos. Infelizmente, não encontramos os resumos de todas as pesquisas cadastradas sob o termo “consciência fonológica”, o que tornou-se também um critério de exclusão.

Tendo em mãos os resumos, nos deparamos com textos detalhados, contendo os objetivos da pesquisa, a idade e série das crianças, os locais onde foram realizadas, se foi em ambiente escolar ou não, quais foram os referenciais teóricos, os resultados, dentre outras informações que os autores acharam importante mencionar. No entanto, quando essas informações não apareciam nos resumos, era preciso abrir o texto completo da pesquisa para obter essas informações, o que nem sempre era fácil devido aos entraves já relatados anteriormente.

Na primeira leitura dos resumos, fomos destacando os termos consciência fonológica, alfabetização ou aquisição da leitura e escrita, e quando nas pesquisas algum desses termos era deixado de lado, essas não foram consideradas pertinentes, pois nosso foco era a relação entre eles. Dessa forma, pesquisas realizadas com crianças que já se apropriaram do sistema de escrita alfabética também não foram trazidas para esse TCC. Destacamos também, a idade, o período escolar das crianças e o espaço onde eram realizadas as pesquisas.

Além dessa estratégia, fizemos a impressão das referências das pesquisas, onde escrevemos o motivo de entrarem ou não para a pesquisa, escrevemos uma possível categoria temática que se encaixava, utilizando cores para melhor visualizar quais entravam ou não, ou seja, várias estratégias para facilitar o trabalho de busca e análise de dados.

**Figura 2.** Estratégias para levantamento de dados



**Fonte:** Acervo da autora.

Passando essa etapa, organizamos em um documento apenas as pesquisas consideradas, e as separamos por região para facilitar a percepção de sua distribuição no Brasil, e destacamos também as universidades que mais apareciam em cada região. Esse documento facilitou muito a construção do mapa e das tabelas que serão apresentadas mais à frente.

Pesquisas com foco na alfabetização em outras línguas, como inglês, espanhol, alemão, indígena, Libras (Língua Brasileira de Sinais), também não consideramos como pertinentes. Assim, devido ao nosso foco de inventariar pesquisas realizadas com crianças dentro do ambiente escolar, as pesquisas realizadas em clínicas ou em outros espaços, e aquelas realizadas com adolescentes, jovens e adultos, também foram excluídas.

Diante dos critérios estabelecidos anteriormente, desconsideramos 259 trabalhos, os quais estão computados e com os motivos apresentados no quadro abaixo:

**Tabela 1.** Pesquisas desconsideradas

<b>Justificativa</b>	<b>Total</b>
Pesquisas com bebês, adolescentes, jovens e adultos	33
Pesquisas que focalizaram a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais	12
Pesquisas sobre outras línguas, como inglês, alemão, espanhol, dentre outras	23
Pesquisas sobre música	3
Pesquisas com pessoas já alfabetizadas	13
Pesquisas que continha pouco ou nenhum foco na alfabetização e/ou consciência fonológica	67
Pesquisas realizadas fora do ambiente escolar	19
Pesquisas que não tivemos acesso ao resumo	89
<b>Total</b>	<b>259</b>

**Fonte:** A autora.

Esses critérios de inclusão e exclusão se alinham aos também estabelecidos no âmbito da pesquisa ABEC. Destarte, ficou definido um *corpus* com 173 pesquisas incluídas<sup>2</sup>. A partir da temática central dos trabalhos, os reunimos em categorias que visavam sintetizar os assuntos que são os focos das Teses e Dissertações, apoiamo-nos, para tanto, em Soares e Maciel (2000):

Cada texto foi resumido e caracterizado segundo classes estabelecidas para cada uma dessas categorias. Essas classes foram constituídas a partir do conjunto de textos sobre alfabetização examinados; a classificação, em cada categoria, não pretende, por isso, ser exaustiva, nem se pode afirmar que seja pertinente para conjuntos de textos sobre outros temas. Cada uma das categorias e classes foi analisada sob a perspectiva histórica, isto é, buscou-se identificar, ao longo do período 1961-1989, a predominância ora de uma, ora de outro tema, referencial teórico, ideário pedagógico ou tipo de abordagem do fenômeno da alfabetização. Além disso, buscaram-se as relações entre as diferentes categorias e classes, estabelecendo cruzamentos que permitissem ter um panorama quantitativo e qualitativo a respeito das pesquisas produzidas, cujo tema central é a alfabetização (SOARES, MACIEL, 2000, p. 13).

Dessa forma, reunimos os trabalhos em 10 categorias temáticas, a saber:

<sup>2</sup> Todas as pesquisas incluídas estão no item “Apêndice”, ao final do TCC.

**Quadro 2.** Categorias temáticas das pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil

---

Consciência Fonológica e Tecnologias Digitais

Consciência Fonológica Leitura e Escrita

Consciência Fonológica e Educação Especial

Consciência Fonológica e Desenvolvimento Infantil

Consciência Fonológica e Escrita

Consciência Fonológica e Transtorno de Aprendizagem

Consciência Fonológica e Leitura

Consciência Fonológica e Materiais Didáticos

Consciência Fonológica e Práticas Pedagógicas

Consciência Fonológica e Formação de Professores

---

**Fonte:** A autora.

Vale a pena reforçar a importância que foi realizar destaques de palavras-chave ao longo da leitura dos resumos, isso nos serviu muito no momento da análise de dados para a categorização das pesquisas, em que ao ver as palavras destacadas já nos permitiu categorizar sem ter que reler totalmente os resumos.

A partir disso, organizamos os dados em tabelas e gráficos por ano, grau, área, estados e regiões, e orientadores, apresentando um panorama das produções acadêmicas sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças nas universidades brasileiras, aspecto que nos ocuparemos na próxima seção.



## **4. ANÁLISE DE DADOS**

A análise das produções acadêmicas centrou-se na busca de investigar a questão da consciência fonológica relacionada à alfabetização de crianças. Para isso, analisamos os resumos dos trabalhos, seus objetivos gerais e específicos, a metodologia, os resultados obtidos, para conseguirmos entender as perspectivas dos autores sobre os temas tratados. Quando os resumos não apresentavam tais informações, recorremos ao trabalho completo.

A partir dessa análise, na primeira parte desta seção, mapeamos as universidades, os anos e orientadores das pesquisas, para conseguirmos ter uma visão mais clara da repercussão da temática nas regiões do Brasil e ao longo dos anos. Além disso, organizamos as pesquisas em categorias temáticas, em que reunimos os trabalhos que se aproximavam em função dos seus objetivos e resultados.

Na organização das teses e dissertações por categorias temáticas, percebemos que algumas se encaixavam em mais de uma categoria, contudo observamos mais detidamente seus objetivos, para compreender qual era seu principal foco. Isso ocorreu, principalmente, nas categorias sobre materiais didáticos e tecnologias digitais, pois muitas pesquisas utilizaram desses recursos para coleta de dados, mas, muitas vezes, o foco era na leitura e/ou escrita e não, por exemplo, na análise propriamente dos materiais, seus usos e funções.

### **4.1 Mapeamento das produções acadêmicas sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças no Brasil**

A priori, trazemos na tabela abaixo o mapeamento das produções acadêmicas sobre a consciência fonológica na alfabetização de crianças no Brasil, identificadas por ano, especificando seus graus (Mestrado, Mestrado Profissional ou Doutorado), e o total correspondente. A partir dos critérios de inclusão e exclusão especificados na seção anterior, inventariamos 173 pesquisas produzidas entre os anos de 1995 a 2022. As pesquisas relativas a 2023 foram desconsideradas também, uma vez que estamos com o ano em curso.

**Tabela 2.** Pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças ao longo dos anos no Brasil

Ano	Mestrado	Mestrado Profissional	Doutorado	Total
1995	1	0	0	1
1996	0	0	0	0
1997	0	0	0	0
1998	0	0	1	1
1999	1	0	0	1
2000	2	0	2	4
2001	1	0	2	3
2002	0	0	1	1
2003	0	0	1	1
2004	0	0	1	1
2005	3	0	2	5
2006	5	1	0	6
2007	4	0	0	4
2008	7	0	3	10
2009	6	0	2	8
2010	4	0	1	5
2011	4	0	1	5
2012	6	0	1	7
2013	4	1	1	6
2014	7	1	2	10
2015	7	7	6	20
2016	8	1	1	10
2017	7	0	1	8
2018	11	6	2	19
2019	6	3	0	9
2020	4	1	1	6
2021	7	2	2	11
2022	6	4	1	11
<b>Total</b>	<b>111</b>	<b>27</b>	<b>35</b>	<b>173</b>

**Fonte:** A autora.

É importante ressaltar que a primeira pesquisa de CF encontrada foi no ano de 1993, como já nos chamava atenção Sperrhake, Azambuja e Piccoli (2022), no capítulo supracitado, “Alfabetização e Consciência Fonológica na produção acadêmica em nível de pós-graduação no Rio Grande do Sul (1993-2020)”, publicado no ano de 2022. No entanto, como não foi possível o acesso ao resumo e texto completo, não conseguimos considerá-la em nossa pesquisa, embora seu título nos pareça bastante relevante, a saber: *Na aquisição da*

*escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da fala?*, de Noely Klein Varella. Inclusive, se trata de um Mestrado em Linguística e Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (VARELLA, 1993).

Além disso, no Banco de Dados da CAPES aparecem 3 pesquisas do ano de 1994, porém a pesquisa de Ana Claudia Marinho Harten (1994), o público foi mais abrangente não considerando apenas crianças, mas também adolescentes, alguns já eram leitores e outros não frequentavam a escola, por isso não a consideramos em nossa pesquisa. Da mesma forma, a pesquisa de Antonio Manuel Pamplona Morais (1994) não incluímos por já se tratar de crianças alfabetizadas. Já a pesquisa de Maria Helena Baptista Villares Cordeiro (1994) não conseguimos ter acesso ao resumo e texto completo.

Das pesquisas que consideramos pertinentes, a mais antiga é datada do ano de 1995, da Universidade de São Paulo, sendo um Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, intitulada *Consciência Fonológica e linguagem escrita em pré-escolares*, da autora Sylvia Domingos Barrera (1995). A autora objetivava estudar, através de uma perspectiva psicogenética, a relação existente entre consciência fonológica e aquisição da escrita. Chamo atenção, aqui, sobre essa terminologia “perspectiva psicogenética”, que se alinha aos trabalhos de Jean Piaget e à obra *Psicogênese da Língua Escrita*, de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, lançada no ano de 1979, no México, e traduzida no Brasil, em 1985, a qual influenciou, desde então, o campo da alfabetização em nosso país. Nessa pesquisa, foi constatado, pela autora, que alguns níveis da consciência fonológica “parecem preceder a aquisição da linguagem escrita”, o que hoje já é uma evidência para muitos estudiosos da área (BARRERA, 1995, n.p).

Na década de 90 tivemos no total apenas 3 pesquisas, a citada anteriormente, um Doutorado também em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no ano de 1998, pela mesma Universidade de São Paulo, intitulado *Avaliação das habilidades fonológicas de disléxicos do desenvolvimento*, por Olinda Teruko Kajihara (1998), e um Mestrado em Linguística e Letras em 1999, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, intitulado *A consciência fonológica e na relação fala-escrita em crianças com desvio fonológico evolutivo*, por Gabriela Ribeiro Castro Menezes (1999). Ambas as pesquisas ensinam verificar se desvios/déficits fonológicos são fatores que atrasam a aquisição da leitura e escrita, e chegaram à conclusão que existe relação entre os níveis de CF e a incidência ou não de desvios na escrita, tendo em vista que a CF parece ser “facilitadora” da alfabetização (KAJIHARA, 1998; MENEZES, 1999).

Já na década de 2000 a 2010, tivemos um aumento substancial, no total foram 48 pesquisas. Entretanto, apenas 16 são da área da Educação, e 32 foram divididas em outras áreas, a saber: 13 da Psicologia, 6 da Fonoaudiologia e 13 da Linguística e Letras .

No âmbito das pesquisas em Educação identificadas, a primeira é do ano de 2002, sendo um Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulado *Relações entre consciência fonológica e aquisição da linguagem escrita: estudo com crianças pré escolares*, de Valéria Silva Ferreira (2002), que buscava a relação entre consciência fonológica e aquisição da linguagem em crianças pré-escolares. Na visão da autora,

Como nos fala Morais (2020) e podemos perceber nas pesquisas supracitadas, no início dos anos 1980 e nas décadas posteriores, três perspectivas sobre consciência fonológica se encontravam em disputa:

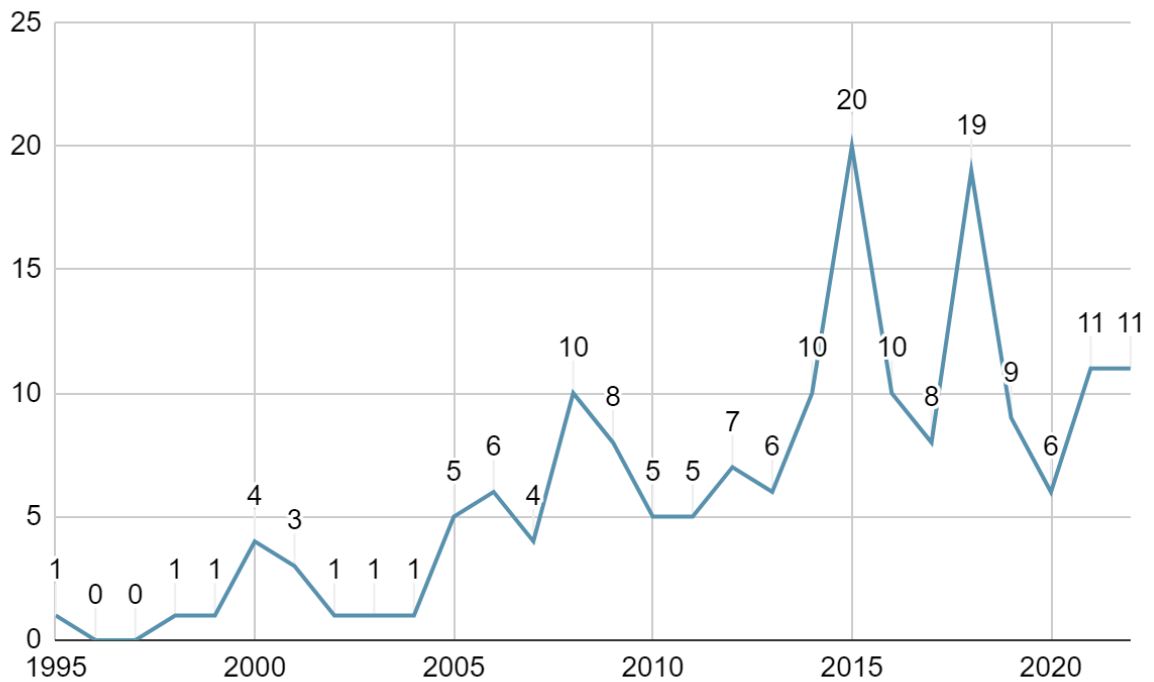
- 1) a CF seria um fator causal da alfabetização, e portanto, precisaria se desenvolver para que a criança se apropriasse do sistema alfabético (cf. BRADLEY; BRYANT, 1983)
- 2) a CF seria uma consequência da alfabetização, já que a instrução formal em leitura e escrita é que faria as habilidades metafonológicas aparecerem (MORAIS *et al.*, 1979);
- 3) a CF seria um fator facilitador da alfabetização, de modo que crianças que a tivessem desenvolvido avançaram mais rapidamente na aprendizagem do sistema alfabético, mas as demais poderiam desenvolvê-la a partir do ensino de alfabetização (YAVAS, 1989) (MORAIS, 2020, p. 47).

Morais (2020) demonstra os perigos de adotarmos qualquer uma das três visões acima, de nos assemelhar com os defensores dos testes de prontidão, caso enxerguemos a consciência fonológica como causal da alfabetização, o de desvalorizar o ensino das habilidades metafonológicas na Educação Infantil, se enxergarmos como mera consequência, e que a consciência fonológica é indispensável para que a criança domine o sistema de escrita alfabética, caso a vissemos como facilitadora. Dessa forma, o autor defende “a interação (ou mútua influência) na relação entre consciência fonológica e alfabetização” (MORAIS, 2020, p 49).

Se algumas habilidades de consciência fonológica permitem avançar no aprendizado inicial da leitura e da escrita, o domínio do SEA faz com que o indivíduo passe a ser capaz de fazer certas operações sobre as unidades sonoras das palavras que ele não conseguia realizar antes de alfabetizar-se (MORAIS, 2020, p. 49).

Na década de 2011 a 2021, o aumento no número de pesquisas foi ainda mais exponencial, no total consideramos 111 pesquisas. Destas, 35 foram da área da Educação, 28 da Psicologia, 15 Linguística e Letras e 10 da Fonoaudiologia. Esse aumento fica melhor evidenciado no gráfico abaixo:

**Gráfico 1.** Número de pesquisas ao longo dos anos sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil



**Fonte:** A autora.

Um fator decisivo para esse crescimento, que não pode deixar de ser citado, é a instituição do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em 2013, um programa do Ministério da Educação (MEC) que tinha como prerrogativa que todas as crianças estivessem alfabetizadas até os oito anos de idade, ao fim do 3º ano do Ensino Fundamental e, para isso, focou muito na formação de professores alfabetizadores. Contudo, o programa foi extinto em 2017. Entre os conteúdos temáticos debatidos no programa estava a questão da consciência fonológica.

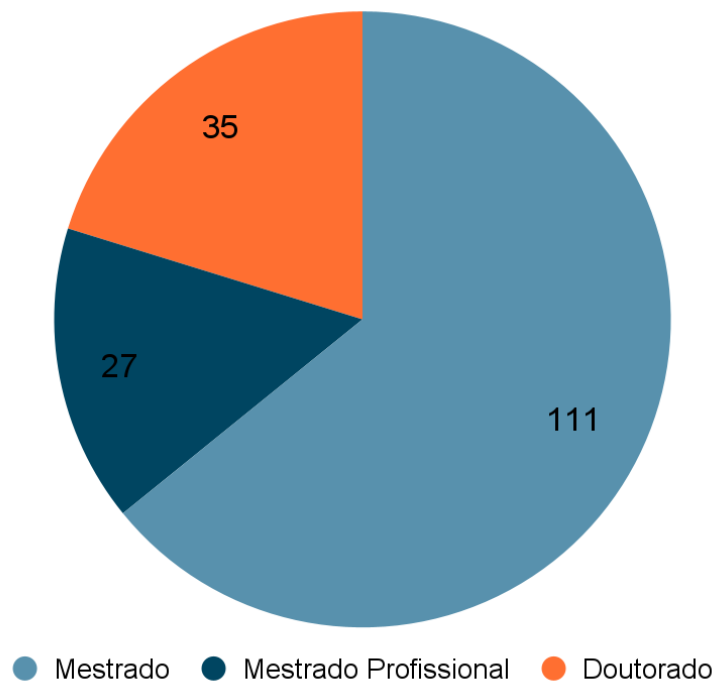
A discussão acerca da formação docente, desde a década de 1980, tem se tornado uma questão central no campo educacional. É vista como um dos fatores responsáveis para o sucesso das práticas escolares, assim, uma política de formação de professores constitui um mecanismo na construção de uma educação escolar de qualidade. Nessa perspectiva, o PNAIC surge como uma política que tem, entre seus pilares, a formação continuada dos professores visando à melhoria da qualidade da alfabetização no Brasil. (SOUZA *et al.*, 2022, p. 65).

Como dito anteriormente, o PNAIC foi lançado em 2013, ano que tivemos 6 pesquisas apenas sobre consciência fonológica e alfabetização. Já em 2014, obtivemos 10 pesquisas, dobrando no ano seguinte, 2015, com 20 pesquisas, momento com o maior número de investigações

Após esse crescimento, e com a extinção do PNAIC, as pesquisas voltaram a cair. Em 2022 tivemos 11 pesquisas, 4 na área da Educação, 3 na Linguística e Letras, 1 em Psicologia, 1 em Fonoaudiologia e 2 em outras áreas de caráter multidisciplinar.

Quanto ao grau das 173 pesquisas acadêmicas identificadas, chegamos ao seguinte dado:

**Gráfico 2.** Graus das Pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil



**Fonte:** A autora.

Como Soares e Maciel (2000) já vinham destacando, e podemos observar no gráfico 2, na produção nacional, as pesquisas de Mestrado tiveram grande realce ao longo dos anos. Concordamos com Maciel (2014), que esse fato se deve à questão do tempo despendido para tais pesquisas, 2 anos, diferentemente de uma pesquisa de Doutorado que são necessários 4 anos.

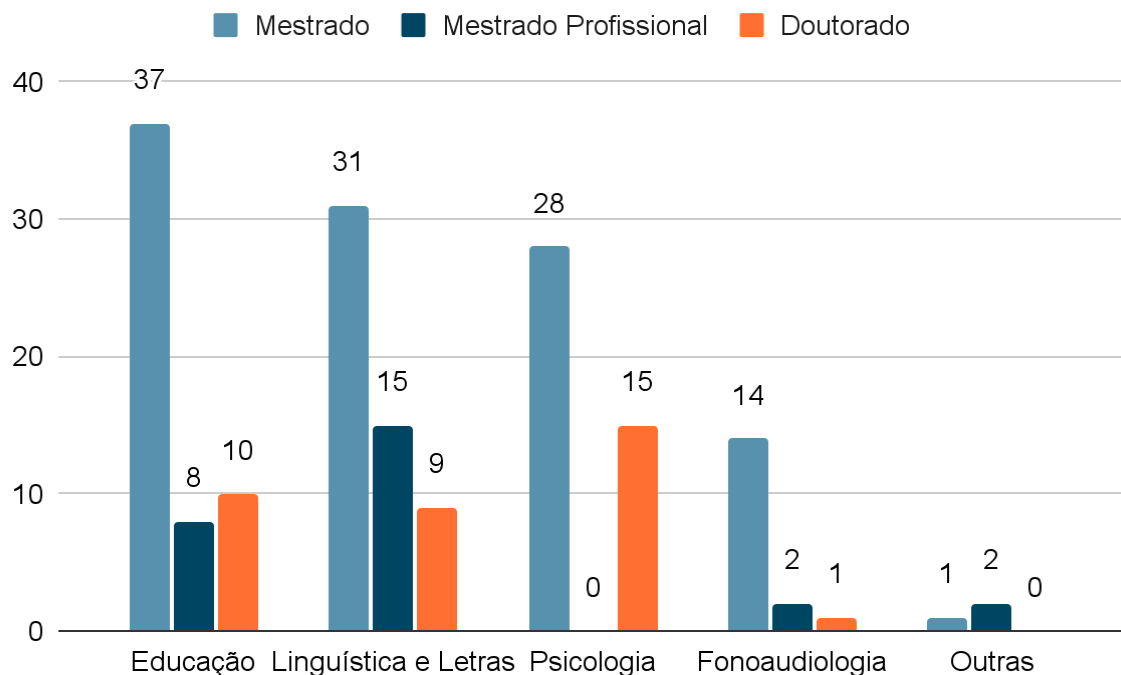
Se os dados apontam o crescimento dos Programas e da produção na área da alfabetização, ainda é pouco expressivo o número de teses de doutorado; há, também, uma disparidade em termos quantitativos entre as pesquisas de mestrado e doutorado. Esses dados tendem a ser ainda mais díspares, nos próximos anos, com a criação dos mestrados profissionais. Não estamos aqui a fazer nenhuma análise de mérito ou demérito das pesquisas de mestrado acadêmico ou profissional, pelo contrário, defendemos que os programas precisam incentivar todas as modalidades. Entretanto, as pesquisas de doutoramento, pela sua natureza de se ter mais tempo para estudos e

pesquisa de campo, originalidade, densidade e maturidade teórico-metodológica do pesquisador, devem ser ampliadas. Para 1318 dissertações, temos apenas 278 teses, o que equivale a uma proporção de 4,7 dissertações para uma tese defendida (MACIEL, 2014, p. 112-113).

Além disso, outro fato que nos chama bastante atenção no gráfico, é o número de produções no âmbito dos Mestrados Profissionais estarem aproximando-se do número de Doutorados, uma vez que são relativamente recentes, os programas de pós-graduação profissionalizantes nas universidades brasileiras. Segundo André (2017), em 2009, houve a primeira aprovação de um Mestrado Profissional em Educação pela CAPES.

A seguir, relacionamos as áreas das pesquisas inventariadas.

**Gráfico 3.** Áreas das pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil



**Fonte:** A autora.

No primeiro relatório da ABEC, publicado por Soares (1989), foram enumeradas 175 pesquisas que tratavam sobre alfabetização, no período de 1961 a 1986: 68% na área de Educação, 20% na Psicologia, 9% na Letras e 3% em Distúrbios da Comunicação.

No segundo relatório, publicado por Soares e Maciel (2000), no período de 1961 a 1989, 70% das pesquisas concentravam-se na área de Educação, 22% na Psicologia, 7% na Letras e 1% em Distúrbio da Comunicação. Na investigação de Maciel (2014), a autora

explicita que nos anos posteriores ao segundo relatório, a produção na área de Educação se manteve com destaque, entretanto a de Psicologia obteve um decréscimo.

Se cotejarmos a produção nas áreas de Psicologia e Educação, podemos afirmar que a Psicologia está presente em todas as décadas, entretanto, vem ocorrendo um decréscimo da produção nessa área, ao compararmos com a da área da Educação, que representa 74% (1198) do total. Pode-se concluir que, apesar de persistir a produção na área da Psicologia – 11% (180), o interesse pelas pesquisas no campo da alfabetização cresce estrondosamente na área da Educação e vem atraindo o interesse de outras áreas, com destaque para a produção nos Programas de Pós-Graduação em Letras, mais especificamente, nos programas de Linguística Aplicada. Na produção nessa área – que se apresenta superior à da Psicologia – foram identificadas e analisadas 195 teses e dissertações, correspondendo a 12% do total das produções (MACIEL, 2014, p. 114).

Utilizando outros filtros de pesquisa, Mortatti, Oliveira e Pasquim (2014) realizaram um balanço de 50 anos da produção acadêmica sobre alfabetização no Brasil. De acordo com os autores, as dissertações na área da Educação liderava com um total de 79% das pesquisas, a segunda área é Linguística e Letras com 10%, e Psicologia com 5%.

Esses dados, apesar de se relacionarem à produção nacional em alfabetização, demonstram o lugar das pesquisas sobre consciência fonológica em relação às áreas de conhecimento. A tendência anunciada por Maciel (2014), do aumento de Teses e Dissertações na área de Linguística e Letras, é evidenciada no Gráfico 3. Nele, observamos que são 55 pesquisas em Educação, sendo o mesmo número na área de Linguística e Letras, devido ao destaque das produções dos Mestrados Profissionais em Letras (Profletras). Na sequência, temos Psicologia com 43, que tem o maior número de investigações de Doutorado (15) entre todas as áreas. Por fim, Fonoaudiologia com 17 e outras 3 pesquisas em áreas multidisciplinares.

Essas produções estão vinculadas a diversas universidades brasileiras, conforme observamos na tabela a seguir:

**Tabela 3.** Relação dos estados por região e suas universidades sobre as pesquisas de CF na alfabetização de crianças no Brasil<sup>3</sup>

Região	Estado	Universidades	Quantidade
Norte	Acre	Universidade Federal do Acre	1
	Amapá	-	0
	Amazonas	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas	1

<sup>3</sup> Optamos por colocar na tabela todos os estados, até mesmo os que não possuem pesquisas, para conseguirmos ter conhecimento dessa ausência.



	Pará	Universidade Federal do Pará	1
	Rondônia	-	0
	Roraima	-	0
	Tocantins	-	0
Nordeste	Alagoas	Universidade Federal de Alagoas	2
	Bahia	Universidade Estadual de Feira de Santana	4
		Universidade do Estado da Bahia	1
		Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	3
		Universidade Federal da Bahia	3
	Ceará	Universidade Estadual do Ceará	4
		Universidade Federal do Ceará	2
	Maranhão	-	0
	Paraíba	Universidade Federal da Paraíba	4
		Universidade Estadual da Paraíba	2
	Pernambuco	Universidade Católica de Pernambuco	1
		Universidade Federal de Pernambuco	12
	Piauí	Universidade Federal do Piauí	1
	Rio Grande do Norte	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	1
		Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2
Sergipe	-	0	
Centro-Oeste	Distrito Federal	Universidade de Brasília	3
	Goiás	-	0
	Mato Grosso	-	0
	Mato Grosso do Sul	Fundação Universidade do Mato Grosso do Sul	1
Sul	Paraná	Universidade Estadual de Maringá	1
		Universidade Estadual do Centro-Oeste	1
		Universidade Estadual do Norte do Paraná	1
		Universidade Estadual do Oeste do Paraná	1
		Universidade Federal do Paraná	2
		Universidade Tecnológica Federal do Paraná	1
		Universidade Tuiuti do Paraná	1
	Santa Catarina	Universidade do Estado de Santa Catarina	1
		Universidade do Oeste de Santa Catarina	1
		Universidade do Sul de Santa Catarina	1
		Universidade Federal de Santa Catarina	3
	Rio Grande do Sul	Fundação Universidade de Passo Fundo	1
		Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	14
		Universidade em Santa Cruz do Sul	2
		Universidade Federal de Pelotas	3

		Universidade Federal de Santa Maria	5
		Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1
		Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2
		Universidade Feevale	1
		Universidade La Salle	1
		Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões	1
Sudeste	Espírito Santo	-	0
	Minas Gerais	Universidade Federal de Juiz de Fora	3
		Universidade Federal de Lavras	1
		Universidade Federal de Minas Gerais	3
		Universidade Federal de São João Del-Rei	1
		Universidade Federal de Uberlândia	2
		Universidade Salgado de Oliveira	3
	Rio de Janeiro	Centro Universitário Carioca	3
		Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1
		Universidade Federal do Rio de Janeiro	2
		Universidade Federal Fluminense	1
		Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	2
		Universidade Veiga de Almeida	2
	São Paulo	Centro Universitário Adventista de São Paulo	1
		Centro Universitário FIEO	1
		Pontifícia Universidade Católica de Campinas	1
		Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	9
		Universidade Cidade de São Paulo	1
		Universidade de São Paulo	19
		Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	5
Universidade Federal de São Carlos		4	
Universidade Federal de São Paulo		5	
Universidade Presbiteriana Mackenzie		7	
Universidade São Francisco	2		
<b>Total</b>			<b>173</b>

**Fonte:** A autora.

Desde o primeiro relatório da ABEC, em 1989, a região Sudeste foi responsável por 65% das Dissertações e Teses inventariadas por Soares (1989), se destacando, naquele momento, o estado de São Paulo. Em nossa pesquisa, mesmo recortando o objeto de análise, em nosso caso, a consciência fonológica na alfabetização, tal resultado não se difere, pois as universidades paulistas foram responsáveis por 32% do total da produção inventariada.

Em segundo lugar, podemos realçar as universidades do estado do Rio Grande do Sul, com um total de 31 pesquisas (18%). Depois, Minas Gerais e Pernambuco com 13 pesquisas (8%), e Bahia com 11 (6%).

É interessante salientarmos, aqui, a pesquisa de Sperrhake, Azambuja e Piccoli (2022), em que as autoras chamam atenção para um estado que foi destaque em nossa pesquisa, o Rio Grande do Sul, com 31 pesquisas. No estudo das autoras, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul liderava com um total de 26 pesquisas sobre consciência fonológica, entretanto devido aos nossos critérios de inclusão e exclusão, foram consideradas 14 pesquisas dessa instituição, apesar disso ela não deixou de se destacar na região sul. Assim como a Universidade de Santa Maria, na pesquisa das autoras, se mantinha em segundo lugar, em nossa pesquisa isso também se apresenta.

Contrapondo os nossos dados com os apresentados por Sperrhake, Azambuja e Piccoli (2022), outro fator interessante como resultado nas duas pesquisas é a questão da área Linguística e Letras receber destaque no estado do Rio Grande do Sul, com 18 pesquisas, enquanto a Educação tem 5, as áreas multidisciplinares tem 2 pesquisas, Psicologia apenas 1, e Fonoaudiologia 5, com realce para a Universidade de Santa Maria em produções relacionadas ao programa de Distúrbio da Comunicação Humana. Também como na pesquisa das autoras, a maioria são Mestrados, com 20 pesquisas, Doutorado com 10 pesquisas, e por fim, Mestrado Profissional com 1 pesquisa.

Além disso, na pesquisa de Amorim (2014) supracitada, “Estado da arte sobre consciência fonológica na educação infantil no Brasil no período de 2001-2011”, a Universidade Federal de Santa Maria se encontrava em primeiro lugar no número de pesquisas, seguida da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ou seja, o estado do Rio Grande do Sul também vinha se destacando. No entanto, a Universidade de São Paulo aparecia com apenas 2 pesquisas, fator que se distancia muito dos nossos resultados, já que em nosso levantamento essa universidade se sobressaiu com 19 pesquisas.

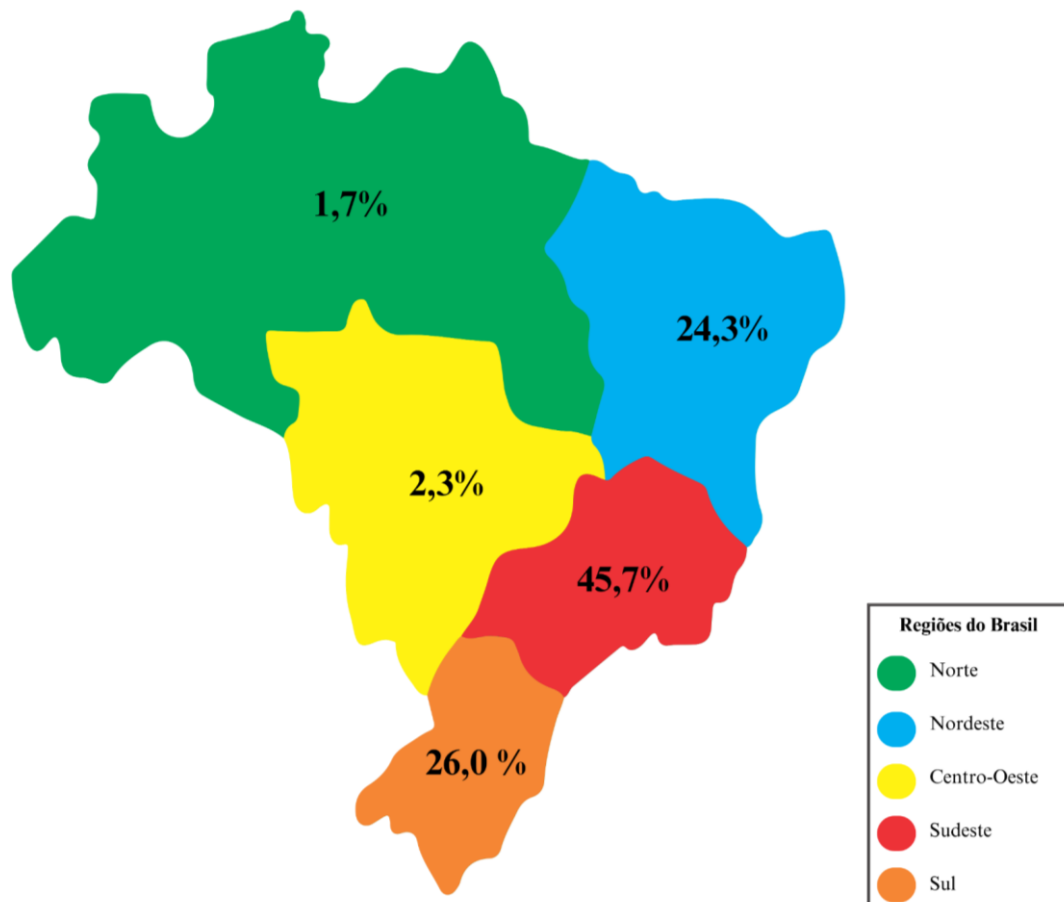
Para visualizarmos mais precisamente a quantidade de pesquisas por região, e seus graus, em Mestrado, Mestrado Profissional e Doutorado, observemos a tabela e a figura a seguir:

**Tabela 4.** Graus das pesquisas por regiões sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil

Regiões	Mestrado	Mestrado Profissional	Doutorado	Total
Norte	1	2	0	3
Nordeste	29	9	4	42
Centro-Oeste	2	1	1	4
Sul	31	3	11	45
Sudeste	48	12	19	79
<b>Total</b>	<b>111</b>	<b>27</b>	<b>35</b>	<b>173</b>

**Fonte:** A autora.

**Figura 3.** Porcentagem de pesquisas sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças por região no Brasil



**Fonte:** A autora.

A região sudeste, como especificado, tem o maior número de pesquisas (79) sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças no Brasil. Desse total, 55 pesquisas são resultados de universidades do estado de São Paulo.

É interessante ressaltar que a região sudeste e o estado de São Paulo vêm se distinguindo não apenas em nossa pesquisa. Guimarães (2011) na análise das produções de sobre alfabetização entre os anos 1944 a 2009, já afirmava que a região Sudeste apresentava “a maior porcentagem de pesquisas 54%, e a Norte com a menor porcentagem 2% das produções. Na região Sudeste é no estado de São Paulo onde se encontram a maioria dos trabalhos” (GUIMARÃES, 2011, p. 36). Na pesquisa de Mortatti, Oliveira e Pasquim (2014):

150 (70%) teses de doutorado sobre alfabetização foram defendidas em programas de pós-graduação da região Sudeste do Brasil. [...] Em relação às dissertações de mestrado, 693 (56%) foram defendidas em programas de pós-graduação da região Sudeste do país, onde está localizada grande parte dos programas de pós-graduação (MORTATTI; OLIVEIRA; PASQUIM, 2014, p.24).

Da mesma forma, Soares e Maciel (2000) nos dizia que “se analisa a produção de teses e dissertações sobre alfabetização por instituição e por região, verifica-se uma predominância da Região Sudeste e, nesta, dos cursos localizados no Estado de São Paulo, em particular os cursos de pós-graduação da USP e da PUC/SP” (SOARES, MACIEL, 2000, p. 10).

Dessa forma, é possível perceber a potência de cada estado nas pesquisas de CF. Para verificar um pouco mais esses destaques, buscamos, agora, fazer um levantamento dos orientadores que aparecem em cada uma das produções acadêmicas, pois, de certa forma, ajuda-nos a compreender melhor o movimento histórico das teorias que subsidiam e se perpetuam nas Teses e Dissertações que busca analisar a consciência fonológica no processo de alfabetização de crianças.

**Tabela 5.** Relação de orientadores, por universidade, nas pesquisas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil

Universidades	Orientadores <sup>4</sup>	Quantidade
Universidade Federal do Acre	Lindinalva Messias do Nascimento Chaves	1
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas	José Anglada Rivera	1
Universidade Federal do Pará	Carlos Barbosa Alves de Souza	1
Universidade Federal de Alagoas	Maria Inez Matoso Silveira	2
Universidade Estadual de Feira de Santana	Amali de Angelis Mussi	1
	Lílian Miranda Bastos Pacheco	1
	Vera Pedreira dos Santos Pepe	2
Universidade do Estado da Bahia	Marcus Tulio de Freitas Pinheiro	1

<sup>4</sup> Nesta tabela optamos por colocar apenas os nomes dos orientadores, não mencionando assim os co-orientadores.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	Ronei Guaresi Vera Pacheco	2 1
Universidade Federal da Bahia	Paulo Roberto Holanda Gurgel Elizabeth Reis Teixeira	2 1
Universidade Estadual do Ceará	Wilson Junior de Araujo Carvalho	4
Universidade Federal do Ceará	Ronaldo Manguera Lima Júnior Monica de Souza Serafim	1 1
Universidade Federal da Paraíba	Alexandra da Silva Moita Minervino Alvanira Lucia de Barros Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa	1 2 1
Universidade Estadual da Paraíba	Iara Ferreira de Melo Martins Leonidas Jose da Silva Junior	1 1
Universidade Católica de Pernambuco	Isabela Barbosa do Rego Barros	1
Universidade Federal de Pernambuco	Ana Carolina Perrusi Alves Brandão Antonio Roazzi Artur Gomes de Moraes Bianca Arruda Manchester de Queiroga Eliana Borges Correia de Albuquerque Lúcia Lins Browne Rego Tícia Cassiany Ferro Cavalcante	1 1 4 1 3 1 1
Universidade Federal do Piauí	Iveuta de Abreu Lopes Prado	1
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	Gilson Chicon Alves	1
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Cíntia Alves Salgado Azoni	2
Universidade de Brasília	Solange Alves de Oliveira Mendes Stella Maris Bortoni-Ricardo Jorge Mendes de Oliveira-Castro Neto	1 1 1
Fundação Universidade do Mato Grosso do Sul	Cleonice Candida Gomes Leite	1
Universidade Estadual de Maringá	Nerli Nonato Ribeiro Mori	1
Universidade Estadual do Centro-Oeste	Khaled Omar Mohamad El Tassa	1
Universidade Estadual do Norte do Paraná	Marília Bazan Blanco	1
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Carmen Teresinha Baumgartner	1
Universidade Federal do Paraná	Sandra Regina Kirchner Guimarães Tânia Stoltz	1 1
Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Susiele Machry da Silva	1
Universidade Tuiuti do Paraná	Maria Iolanda Fontana	1
Universidade do Estado de Santa Catarina	Dalva Maria Alves Godoy	1
Universidade do Oeste de Santa Catarina	Ortenila Sopelsa	1
Universidade do Sul de Santa Catarina	Mariléia Silva dos Reis	1
Universidade Federal de Santa Catarina	Daniela Karine Ramos Segundo Leonor Scliar Cabral Marco Esteves da Rocha	1 1 1
Fundação Universidade de Passo Fundo	Luciane Sturm	1

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Claus Dieter Stobäus	1
	José Marcelino Poersch	1
	Lilian Cristine Hubner	2
	Regina Ritter Lamprecht	8
	Vera Wannmacher Pereira	2
Universidade de Santa Cruz do Sul	Onici Claro Flores	1
	Rosângela Gabriel	1
Universidade Federal de Pelotas	Ana Ruth Moresco Miranda	2
	Cintia da Costa Alcantara	1
Universidade Federal de Santa Maria	Carolina Lisboa Mezzomo	1
	Dóris Pires Vargas Bolzan	1
	Helena Bolli Mota	2
	Márcia Keske Soares	1
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Maria Alice de Mattos Pimenta	1
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Aline Lorandi	1
	Cátia de Azevedo Fronza	1
Universidade Feevale	Regina de Oliveira Heidrich	1
Universidade La Salle	Lúcia Regina Lucas da Rosa	1
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões	Edite Maria Sudbrack	1
Universidade Federal de Juiz de Fora	Claudia Nascimento Guaraldo Justi	1
	Márcia Maria Peruzzi Elia da Mota	2
Universidade Federal de Lavras	Mauriceia Silva de Paula Vieira	1
Universidade Federal de Minas Gerais	Claudia Cardoso Martins	1
	Isabel Cristina Alves da Silva Frade	1
	Viviane Verdu Rico	1
Universidade Federal de São João Del-Rei	Tatiana Cury Pollo	1
Universidade Federal de Uberlândia	Elise Barbosa Mendes	1
	Marlúcia Maria Alves	1
Universidade Salgado de Oliveira	Márcia Maria Peruzzi Elia da Mota	3
Centro Universitário Carioca	Alessandro Jatobá	1
	Antonio Carlos de Abreu Mol	1
	Paula Legey de Siqueira	1
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Rosalia Maria Duarte	1
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Christina Abreu Gomes	1
	Maria Carlota Amaral Paixão Rosa	1
Universidade Federal Fluminense	Neuza Rejane Wille Lima	1
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Rosane Braga de Melo	1
	Marli Hermenegilda Pereira	1
Universidade Veiga de Almeida	Alex Balduino de Souza	1
	Mônica Medeiros de Britto Pereira	1
Centro Universitário Adventista de São Paulo	Gildene do Ouro Lopes Silva	1
Centro Universitário FIEO	Natália Martins Dias	1
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	Elvira Cristina Martins Tassoni	1
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Maria Regina Maluf	7
	Nilza Micheletto	2

Universidade Cidade de São Paulo	Luciana Venancio	1
Universidade de São Paulo	Adaíl Victorino Castilho	1
	Eda Marconi Custódio	1
	Edna Maria Marturano	1
	Fernando César Capovilla	2
	Fraulein Vidigal de Paula	1
	Haydée Fiszbein Wertzner	1
	Maria Regina Maluf	3
	Marilene Proença Rebello de Souza	1
	Patricia Abreu Pinheiro Crenitte	3
	Sylvia Domingos Barrera	5
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Anna Augusta Sampaio de Oliveira	1
	Juliana Bertucci Barbosa	1
	Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho	1
	Simone Aparecida Capellini	2
Universidade Federal de São Carlos	Deisy das Graças de Souza	1
	Lidia Maria Marson Postalli	1
	Maria Amélia Almeida	1
	Tania Maria Santana de Rose	1
Universidade Federal de São Paulo	Clara Regina Brandão de Ávila	4
	Liliane Desgualdo Pereira	1
Universidade Presbiteriana Mackenzie	Alessandra Gotuzo Seabra	1
	Ana Alexandra Caldas Osório	1
	Elizabete Maria de Almeida Andrade	1
	Elizeu Coutinho de Macedo	1
	Luiz Renato Rodrigues Carreiro	1
	Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira	1
	Talita de Cassia Batista Pazeto	1
Universidade São Francisco	Felipe Valentini	1
	Acácia Aparecida Angeli dos Santos	1
<b>Total</b>		<b>173</b>

**Fonte:** A autora.

A priori, a primeira orientadora que destacamos, a partir da tabela anterior, é Maria Regina Maluf, Doutora em Psicologia, que orientou entre as pesquisas inventariadas, um total de 10, sendo 7 pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e 3 pela Universidade de São Paulo. Em seu currículo na Plataforma Lattes aparece a publicação de um artigo no ano de 1997, intitulado “Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares” (MALUF; BARRERA, 1997). Tal título, não nos é estranho, pois o texto é conjuntamente com Sylvia Domingos Barrera, e se refere aos resultados de sua Dissertação de Mestrado que foi orientada por Maluf em 1995, citada anteriormente (BARRERA, 1995).

Outra orientadora que merece destaque é Regina Ritter Lamprecht, Doutora em Linguística e Letras, que orientou 7 pesquisas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Buscando seu currículo, foi muito interessante perceber que a autora vem se



dedicando aos estudos da CF, com variados sujeitos, como crianças com Síndrome de Down, adultos, pacientes com Mal de Alzheimer, dentre outros. Além disso, coordenou projetos de pesquisa intitulados, “Aquisição fonológica do Português Brasileiro: interações entre níveis na aquisição normal e com desvios”; “Alfabetização: Consciência fonológica como preditor e auxiliar”; “A Consciência Fonológica: um elemento observável em patologias cognitivas com reflexos na linguagem”, dentre outros. Autora de livros como: *Aquisição fonológica do Português; Consciência dos sons da língua; CONFIAS - Consciência fonológica instrumento de avaliação sequencial*, além disso adaptou para a língua portuguesa o livro *Consciência Fonológica em crianças pequenas* (ADAMS; FOORMAN; LUNDBERG; BEELER, 2006).

Sylvia Domingos Barrera é outra pesquisadora que gostaríamos de dar ênfase. Orientanda de Maluf no Mestrado e Doutorado em Psicologia, vem se dedicando aos estudos na Psicologia Educacional e Psicologia Cognitiva, atuando em diversos temas, sendo um deles, a CF. Como supracitado, destacamos sua Dissertação de Mestrado anteriormente, por ser a primeira a que tivemos acesso para esse TCC, no ano de 1995. Ou seja, Barrera também é uma autora que, desde os anos 90, faz pesquisas na área, com publicações de capítulos e artigos recorrentemente citados como referenciais nas Teses e Dissertações arroladas neste trabalho.

Por fim, destacamos Artur Gomes de Moraes, nossa principal base teórica, como o livro supracitado *Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização*, que em seu Mestrado, em 1986, já abordava o tema da CF mesmo não utilizando esse termo. Segundo o autor,

Durante o curso de mestrado em Psicologia Cognitiva na UFPE, desde o primeiro ano - 1982-, conhecemos trabalhos de diferentes autores que criaram o conceito de “consciência fonológica” e, ao concluir nossa dissertação (Moraes, 1986), apontamos o que nos parecia uma contradição: em língua inglesa [...] se dizia que, [...] os alfabetizados leriam as palavras usando estratégias visuais (de reconhecimento global, sem converter letras em sons) e que só para escrever empregariam estratégias fonológicas, convertendo sons em letras (KIMURA; BRYANT 1983). Isso nos parecia incoerente e, ao termos constatado, em nossa dissertação, que os aprendizes brasileiros usavam estratégias fonológicas tanto para ler como para escrever, vimos a necessidade de continuar estudando a tal “consciência fonológica” (MORAIS, 2020, p. 9).

Além disso, outra questão a se destacar em Moraes, é que foi orientando de Ana Teberosky, um das autoras da teoria da psicogênese da língua escrita, o que justifica também sua afirmativa de que há muitos anos já via a “necessidade de conciliar as evidências dos

estudos sobre consciência fonológica a uma visão construtivista de aprendizado do alfabeto, tal como formulada pela psicogênese da escrita” (MORAIS, 2020, p. 10).

Ao consultarmos o currículo de Morais, observamos um trabalho de 1989 que, pelo título, nos chamou bastante atenção: “Análise Fonológica e Compreensão da Escrita Alfabética: um estudo com crianças da escola pública”, publicado em parceria com Lima nos *Anais do Simpósio Latino-Americano de Psicologia do Desenvolvimento*, realizado na Universidade Federal de Pernambuco. Não conseguimos, até o momento, ter acesso a esse texto completo, mas notamos que ele é citado por Morais como evidência de suas pesquisas sobre CF com crianças brasileiras desde os anos de 1980 (MORAIS, 2015; ARAGÃO, MORAIS, 2020).

A partir dessas reflexões empreendidas anteriormente, adentrando ao conteúdo das Teses e Dissertações, aqui inventariadas, foi possível categorizá-las tomando como referência sua temática, o que desvela aspectos do estado do conhecimento das produções acadêmicas de consciência fonológica na alfabetização de crianças no Brasil, aspecto que nos ocuparemos no item a seguir.

#### **4.2 Temáticas abordadas nas produções acadêmicas sobre consciência fonológica na alfabetização de crianças no Brasil**

As principais temáticas abordadas nas 173 produções acadêmicas inventariadas foram organizadas em categorias desenvolvidas de acordo com as palavras-chave recorrentes nas pesquisas consideradas como pertinentes. Nesse movimento de criação das categorias temáticas, analisamos os aspectos que aproximavam as Teses e Dissertações, no entanto, é um momento de dúvida e tomada de decisão. Procedemos numa análise bem específica, pois algumas pesquisas se encaixavam em mais de uma categoria. Dessa forma, buscamos os objetivos das investigações, que orientaram nossas escolhas de onde categorizá-las.

Tomamos como referência o estudo de Nazari (2010), que chamou em seu trabalho de “variáveis pesquisadas”, o que se aproximou de aspectos de nossas categorias temáticas. A autora também pesquisou a relação de CF, leitura e escrita, assim como cada uma separadamente, CF e métodos de alfabetização/tipos de ensino, CF e alfabetização, definições de CF, dentre outros.

Apesar do grande número de pesquisas referentes ao assunto, a comparação e/ou agrupamento de resultados relacionados tanto às variáveis pesquisadas quanto a diferenças na ordem de aquisição das habilidades de consciência fonológica em crianças com desenvolvimento normal falantes do Português

Brasileiro não é de nosso conhecimento, salientando-se a necessidade de estudos que apresentem esse tipo de descrição e análise, baseadas em um corpus bibliográfico de pesquisas experimentais (NAZARI, 2010, p. 47).

Já em nossa pesquisa, agrupamos as Teses e Dissertações em 10 categorias temáticas, que relacionamos CF com outros fatores recorrentes nas pesquisas sobre alfabetização no Brasil. Sintetizamos, na tabela abaixo, as categorias com as suas respectivas quantidades separadas por grau da pesquisa, ou seja, Mestrado ou Mestrado Profissional ou Doutorado.

**Tabela 6.** Categorias Temáticas sobre CF na alfabetização de crianças no Brasil

<b>Categorias Temáticas</b>	<b>Mestrado</b>	<b>Mestrado Profissional</b>	<b>Doutorado</b>	<b>Total</b>
Consciência Fonológica, Leitura e Escrita	24	5	11	40
Consciência Fonológica e Escrita	23	6	9	38
Consciência Fonológica e Práticas Pedagógicas	17	4	7	28
Consciência Fonológica e Leitura	18	1	2	21
Consciência Fonológica e Materiais Didáticos	6	9	0	15
Consciência Fonológica e Educação Especial	4	0	3	7
Consciência Fonológica e Tecnologias Digitais	6	1	0	7
Consciência Fonológica e Desenvolvimento Infantil	4	0	1	5
Consciência Fonológica e Formação de Professores	4	1	1	6
Consciência Fonológica e Transtorno de Aprendizagem	5	0	1	6
<b>Total</b>	<b>111</b>	<b>27</b>	<b>35</b>	<b>173</b>

**Fonte:** A autora.

Como podemos perceber na tabela anterior, algumas categorias se destacaram em detrimento das outras. Cinco obtiveram um número mais expressivo: “Consciência Fonológica, Leitura e Escrita”; na sequência, “Consciência Fonológica e Escrita”, “Consciência Fonológica Práticas Pedagógicas”, “Consciência Fonológica e Leitura” e, por fim, “Consciência Fonológica e Materiais Didáticos”.

Para descrição das abordagens dos trabalhos nessas categorias, optamos por analisar, inicialmente, os trabalhos sobre escrita e leitura, separadamente; para depois focalizarmos a questão das pesquisas que aglutinam CF, leitura e escrita.

A categoria “Consciência Fonológica e Escrita” reuniu pesquisas que visavam observar a relação e os impactos da consciência fonológica, especificamente na aprendizagem da escrita. Nessa categoria foi muito presente a abordagem sobre a relação das hipóteses de escrita dos alfabetizandos e a CF.

Nessa perspectiva, Ferreira (2002) vem trazendo em sua Tese de Doutorado essa relação, objetivando avaliar o desempenho das crianças. Não conseguimos ter acesso ao texto completo, entretanto, pelo resumo bem estruturado, conseguimos obter a compreensão das ideias principais da autora, que ilustram alguns resultados de outras investigações.

As crianças pré-silábicas apresentaram um baixo nível de consciência fonológica e um limitado conhecimento do nome das letras. Já os silábicos supõem um certo nível de consciência fonológica, não apresentando relação com o conhecimento do nome das letras. As crianças que apresentaram escritas do tipo silábico apresentaram um considerável conhecimento do nome das letras e um bom desenvolvimento em consciência fonológica. De acordo com os resultados, foi possível concluir que, no processo de desenvolvimento conceitual da linguagem escrita, o conhecimento de letras e a consciência fonológica se alternam enquanto fatores preponderantes na condução desse processo, não caracterizando um ser pré-requisito do outro nem, tão pouco, pré-requisito do próprio desenvolvimento conceitual. Sugere-se que, a partir do nível silábico começa a haver uma forte interdependência, no que se refere a esses dois fatores investigados (FERREIRA, 2002, n.p).

Dentre os níveis de CF abordados na seção 2 desse trabalho, temos a consciência fonêmica que, segundo Soares (2020), se apresenta quando as crianças estão nas hipóteses silábico-alfabética e alfabética, de modo que vão percebendo que “as sílabas são constituídas de pequenos sons - os fonemas” (SOARES, 2020, p. 77). É interessante notar que muitas das pesquisas que se embasaram em testes de consciência fonêmica apontaram que não existe relação da segmentação fonêmica com a alfabetização, afirmando que crianças já alfabetizadas apresentam dificuldades de realizar esses tipos de atividades.

Os resultados encontrados apontam que, mesmo alfabetizadas, as crianças permanecem com dificuldades em executar a tarefa de segmentação fonêmica; a intervenção contribuiu, sobretudo, para o desempenho dos sujeitos nas tarefas no nível fonêmico; as tarefas que envolvem rima e segmentação de fonemas são as mais complexas de serem executadas; as crianças utilizam estratégias na tentativa de acertarem as tarefas de CF; foram encontrados, nos dados do ditado de palavras, erros de duas naturezas: uso indevido de letras e modificação da estrutura segmental (SANTANA, 2018, p. 6).

Um aspecto que a análise dos resumos das pesquisas dessa categoria também relevam, especialmente as produções acadêmicas externas ao campo da educação, é que há uma tendência na compreensão de língua como código, dessa forma, termos como “código

escrito”, “código alfabético”, “código linguístico”, “codificação” apareceram diversas vezes. Nesse ponto, vale aludir à ressalva feita por Morais (2005).

A realidade tem mostrado o quanto isso é perigoso e ineficaz. Numa perspectiva diferente, defendemos que, para alfabetizar letrando, é preciso reconhecer que a escrita alfabética é em si um objeto de conhecimento: um sistema notacional. Na esteira desse posicionamento, além de buscarmos abandonar o emprego das palavras “código”, “codificar” e “decodificar”, parece-nos necessário criar um ensino sistemático que auxilie, dia após dia, nossos alunos a refletir conscientemente sobre as palavras, para que venham a compreender como esse objeto de conhecimento funciona e possam memorizar suas convenções (MORAIS, 2005, p.45)

Na categoria da relação entre CF e a escrita dois outros aspectos complementares também saltaram aos nossos olhos. As pesquisas defendem a reciprocidade entre a aquisição da escrita e a CF, como nos fala Freitas (2004): “conclui-se que há uma importante relação entre consciência fonológica e aquisição da escrita, que se influenciam de forma recíproca (MORAIS; MOUSKY; KOLINSKY, 1998 *apud* FREITAS, 2004, p. 4). Além disso, nos chama atenção o fato de evidenciarem que a CF não é requisito para o domínio da escrita alfabética. Há uma relação de interdependência, como afirma Siccherino (2007): “o nível de desenvolvimento da habilidade fonológica no início do ano não aparece associado à habilidade de escrita três meses depois, o que permite concluir pela não existência de uma relação de precedência e sim de mútua influência entre as duas habilidades estudadas” (SICCHERINO, 2007, p. 8).

A categoria “Consciência Fonológica e Leitura”, como o nome já nos indica, reuniu pesquisas interessadas em descobrir a relação entre CF e o aprendizado da leitura. Tal categoria apresenta ideias abrangentes e muitas vezes dissonantes, algumas buscavam a associação entre CF e a leitura oral, visando observar o nível de decodificação de palavras, fator de destaque nas pesquisas, outras já objetivavam demonstrar em que medida a CF também exerce influência sobre a compreensão leitora, ou seja, ler e compreender a informação que está sendo transmitida. Vale ressaltar que algumas pesquisas acreditam que a fluência leitora é adquirida após o período de alfabetização. Outra questão recorrente entre as produções acadêmicas dessa categoria foi de entender se a CF é condição ou não para o sucesso na leitura. Menezes (2008) aponta:

Existem na literatura várias hipóteses sobre a relação entre a consciência fonológica e a leitura (questão principal desta pesquisa). Segundo Morais (*apud* SALLES, 2001, p.35) ‘a hipótese mais aceita é a interativa, na qual haveria uma relação recíproca entre consciência fonológica e leitura, ou seja, aprender a ler ocasiona o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica e estas, por sua vez facilitam a aprendizagem da leitura’ (MENEZES, 2008, p. 75).

Entre essas investigações destacamos a de Freitas (2008), que buscou verificar se havia uma dependência e gradação entre as habilidades de CF e se elas contribuem ou não para a aquisição da leitura, chegando à conclusão de que essas habilidades são independentes e simultâneas e contribuem, sim, para a leitura.

Estudos demonstram relação bidirecional entre habilidades de consciência fonológica e a aquisição de leitura. Porém, por tratarmos do conjunto das habilidades, ainda não está claro como cada uma se desenvolve, se cada habilidade é ou não independente das demais e se o desenvolvimento de uma pode afetar o desenvolvimento de outra. [...] Os resultados que mostraram pouca interferência de uma habilidade sobre outra, apontando para a possível independência funcional entre as habilidades, sugerem a importância do ensino e da avaliação sistemática de cada uma e de todas as habilidades, para garantir seu pleno desenvolvimento (FREITAS, 2008, p. 4).

Outro fator interessante a observar nessa categoria é a busca por dissociar os níveis de CF (consciência lexical, silábica e fonêmica), dando ênfase a essa última. Assim sendo, Silva (2018) em sua pesquisa, faz um trabalho separando grupo experimental e grupo controle, focando em atividades para o desenvolvimento de consciência fonológica para verificar se elas ajudam ou não nas habilidades de leitura das crianças. Dessa forma, faz aplicação de um pré-teste e um pós-teste, concluindo que o grupo experimental evoluiu em sua consciência fonêmica, todavia, permaneceu como o grupo controle em suas habilidades de leitura de palavras.

Na avaliação posterior à aplicação do programa de ensino não foi observada diferença significativa nas pontuações médias dos testes de leitura de palavras, entre os grupos Experimental e Controle. No entanto, verificou-se que as crianças do Grupo Experimental apresentaram aumento significativamente maior nos testes de Reconhecimento de Grafemas e Consciência Fonêmica, o que permite considerar que o programa de ensino ofereceu alguma contribuição para o processo de alfabetização das crianças, na medida em que o conhecimento das relações grafema-fonema e a consciência fonêmica são essenciais para a aprendizagem da língua escrita (SILVA, 2018, p. 11).

Em suma, nesta categoria percebemos além das questões supracitadas, a grande utilização de Testes e Avaliações de CF, vários já disponíveis na literatura nacional e internacional. Portanto, as pesquisas os utilizavam para testar sua eficácia; avaliar suas próprias intervenções em pré-teste e pós-teste com o uso de grupos experimentais e de controle; e para diagnosticar o nível de CF das crianças antes da realização das investigações.

A categoria “Consciência Fonológica, Leitura e Escrita” aglutina as ideias tratadas anteriormente, abrangendo 23% das produções acadêmicas inventariadas.

Os trabalhos abrigados nessa categoria temática reiteram a necessária presença do trabalho de CF nas turmas de alfabetização, dando ênfase ao conhecimento das letras, rimas e aliterações, dessa forma, há grande reconhecimento da relação entre as habilidades de leitura e escrita e as habilidades metalinguísticas. De acordo com Wolff (2015), “as rimas acionaram a atenção das crianças à estrutura sonora das palavras, o que favoreceu a identificação de mais possibilidades na segmentação da fala e aspectos relacionados à temporalidade dos sons, que auxiliam na aprendizagem” (WOLFF, 2015, p. 7).

Nestas pesquisas, observamos a preocupação em analisar se é o conhecimento dos fonemas, ou das sílabas ou das palavras que ajudam na leitura e na escrita, buscando, muitas vezes, enfatizar por qual unidade linguística a alfabetização deve principiar. De acordo com Teixeira (2018) os resultados de seus estudos indicaram que “o ensino da habilidade de soletrar os fonemas e construir as palavras foi eficiente para o aumento de habilidades de leitura” (TEIXEIRA, 2018, p. 27). Diferentemente, Almeida (2018) nos fala que a “proposta do método silábico é que a sílaba deve servir como unidade linguística para o ensino inicial da leitura, ou seja, partindo do aprendizado da sílaba o aluno se torna capaz de ler palavras, frases ou textos” (ALMEIDA, 2018, p. 75). Já o trabalho de Niedermayer (2019) chama atenção que “podemos entender que a percepção das palavras compõe o início da alfabetização, e é nos primeiros contatos da criança com a língua escrita que ela passa a perceber que a escrita pretende representar graficamente os sons da língua que se fala” (NIEDERMAYER, 2019, p. 39).

À vista disso podemos compreender três perspectivas diferentes apontadas pelos autores, todavia, a maioria das pesquisas se concentram no nível da consciência fonêmica, da instrução fônica, apesar disso algumas produções acadêmicas corroboram que “as habilidades em consciência fonológica aparecem gradualmente e a habilidade em consciência fonêmica parece sofrer influência da alfabetização” (CIELO, 2001, n.p). Além disso, concordam com a dificuldade de identificação desses fonemas em palavras, como nos fala Manguiera (2016):

Contudo, observa-se que os autores são concordantes em afirmar que a consciência fonêmica é a última a emergir devido ao nível mais sofisticado o qual se refere à compreensão de que as palavras são constituídas de sons individuais ou fonemas e à habilidade de manipular esses segmentos das habilidades metafonológicas (MOOJEN et al., 2003; FREITAS, 2004), uma vez, que o fonema é mais abstrato do que a sílaba. Assim, é o que requer maior maturidade linguística do falante, pois necessita que este lide com as menores unidades dessa língua, que por vezes passam despercebidas para ele (MANGUEIRA, 2016, p. 35).

Na categoria “Consciência Fonológica e Práticas Pedagógicas” foram reunidas pesquisas que tratavam de alguma intervenção pedagógica, seja programas de intervenção, propostas integradas, dentre outras, que buscavam investigar e avaliar a relação dessas práticas com o desenvolvimento de CF.

Percebemos, nessas pesquisas, vários objetivos, como investigar e analisar as práticas dos professores e escolas, avaliar programas de estimulação em CF, investigar o nível de conhecimento desses professores sobre o tema e compreender a influência da CF no desenvolvimento da leitura e escrita, a partir de propostas pedagógicas específicas.

Muitas dessas produções chegam à conclusão de que os professores sabem o que é CF e até mesmo como trabalhar com ela, entretanto, não realizam ou não reconhecem em suas práticas, ações voltadas para um trabalho com a CF em sala de aula. No entanto, Filho (2015) nos leva a refletir que a “prática (docente) não é a transposição literal de uma teoria/de um conhecimento” (FILHO, 2015, p. 7). De maneira abrangente, a pesquisa de Picolotto (2022) reflete aspectos apontados em outras investigações dessa categoria temática:

[...] a maioria das professoras alfabetizadoras entrevistadas possui conhecimento sobre o que é e o que envolve o trabalho com a Consciência Fonológica, bem como concordam com a sua contribuição para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Na prática, não obstante, estes professores, em maioria, revelam ainda dar preferência aos métodos de alfabetização silábico e alfabético, até mesmo por serem estes mais conhecidos e estarem presentes no material que usam (PICOLOTTO, 2022, p. 8).

A pesquisa de Santo (2013) demonstra que entre as habilidades de CF, as que mais aparecem nas práticas dos professores alfabetizadores são a consciência sobre as rimas e a consciência das sílabas.

As habilidades de consciência da rima e de consciência da sílaba são as que aparecem com mais veemência nos instrumentos postos em análise; é notória a preocupação que as docentes têm com o domínio da pauta sonora e da fonoarticulação pelas crianças, alegando serem essas habilidades complementares e imprescindíveis ao domínio da escrita e da leitura (SANTO, 2013, p. 176).

Em contrapartida, outras pesquisas afirmam que a consciência fonêmica é que está mais estreitamente correlacionada com a aquisição inicial da leitura e da escrita.

[...] pesquisadores concluíram que a consciência fonêmica desempenha papel essencial como fator preditor das diferenças individuais no desenvolvimento da leitura, constituindo-se um pré-requisito para sua aprendizagem eficiente. Por outro lado, a consciência de rimas e as habilidades de memória verbal de curto prazo apresentam-se correlacionadas em menor grau com as habilidades de leitura, sendo que sua relação com a leitura parece ser



explicada em termos da variância compartilhada com as habilidades fonêmicas (MORESCHI, 2015, p. 27).

Em suma, os resultados das pesquisas que abordam o desenvolvimento de práticas de consciência fonêmica em sala de aula, tendem a advogá-las como facilitadoras do processo de alfabetização das crianças. Essas práticas ficam restritas a um nível de CF, a consciência fonêmica, colocando-as como sinônimas.

Na categoria “Consciência Fonológica e Materiais Didáticos” dispusemos de pesquisas que tratavam da CF em materiais didáticos como jogos, *e-books*, livros didáticos etc.

No que tange às pesquisas que utilizaram jogos, chama-nos atenção que, em sua grande maioria, eram digitais, e buscavam treinar habilidades de CF nas crianças. Além disso, visavam levantar dados para implementação de recursos educacionais para a alfabetização. Estas pesquisas deixam claro a importância do professor e dos materiais didáticos como mediadores, lembrando que aplicar algo e deixar que crianças façam sozinhas é mais favorável à avaliação do professor, agora, quando este participa do processo auxiliando o estudante, os resultados são mais eficazes para a aprendizagem da leitura e da escrita. Dessa forma, as pesquisas utilizam muito os pensamentos de Vygotsky, pois segundo o autor “na aprendizagem da fala, assim como na aprendizagem das matérias escolares, a imitação é indispensável. O que a criança é capaz de fazer hoje, em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã” (VYGOTSKY, 1998, p.129 *apud* LAND, 2019, p. 38).

Além dos jogos, apareceram pesquisas que fizeram a análise dos livros didáticos, buscando a incidência de atividades que ajudassem na alfabetização e na CF, detectando uma inferioridade dessas perante as que tratam sobre leitura e interpretação textual. Segundo Paiva (2014) o sistema de escrita alfabética é notacional e não um código, portanto não é apenas vendo um texto que vamos decorar e aprender a ler e escrever, é preciso um trabalho aprofundado na alfabetização.

O livro, enquanto guia didático, tem como papel direcionar o trabalho docente. E, obviamente, terá grande influência nessa prática. Portanto, é necessário trazer como preocupação a promoção nos livros de um equilíbrio na abordagem dos eixos norteadores do trabalho com a Língua Portuguesa: leitura, produção de textos escritos, linguagem oral, conhecimentos linguísticos, necessários à promoção da aquisição da escrita em crianças (PAIVA, 2014, p. 89).

Molin (2021) fazendo análise dos livros didáticos da coleção Ápis também chegou à conclusão de que os conteúdos sobre CF e SEA são “insuficientes em quantidade e qualidade

para que a criança aprenda a ler adequadamente no período esperado, além de não promoverem efetivamente a escrita autônoma e seu contato com a leitura e a escrita de gêneros diversos na perspectiva de práticas sociais” (MOLIN, 2021, p.3).

A categoria denominada “Consciência Fonológica e Educação Especial” reuniu pesquisas que tratavam do desenvolvimento de CF em crianças consideradas com deficiência.

Dessas pesquisas, 4 tratam de crianças com Síndrome de Down e percebem o avanço delas na leitura e escrita proporcionalmente ao avanço da CF, por isso afirmam ser necessário o “treino” dessas habilidades para ajudar no processo de alfabetização desse público.

Pinto (2008) afirma ser importante salientar que “as dificuldades das crianças com Síndrome de Down não devem ser vistas como impedimentos. Enxergar e estimular o potencial de cada uma delas é um importante desafio para os pais e profissionais envolvidos no tratamento dessas crianças” (PINTO, 2008, p. 148).

Verificou-se, a partir de dados deste trabalho, que habilidades de consciência silábica podem aprimorar-se com a alfabetização em crianças com a síndrome; entretanto, a consciência fonêmica parece surgir como resultado do aprendizado da língua escrita. Observou-se, ainda, que progressos na alfabetização resultam em níveis mais avançados de consciência fonológica. Esses dados sugerem que a relação de reciprocidade entre alfabetização e consciência fonológica pode ser verdadeira também para sujeitos com Síndrome de Down (PINTO, 2008, p. 147).

Nesta categoria, também percebemos a utilização de um diagnóstico (seja com testes ou atividades diversificadas), como uma ferramenta essencial para a tomada de decisões e estabelecimento de objetivos claros e adequados aos alunos. Outrossim, expõem a necessidade que as crianças consideradas com deficiência estejam incluídas na sala de aula escolar comum e sejam direcionadas a um ensino desafiador. Segundo Reis (2018)

a pessoa com Deficiência Intelectual quando é participante ativo em práticas discursivas, exposto a vivenciar na coletividade, nas relações, considerando a palavra como elemento de significação e sentido, signo de representação da linguagem, avança de forma dialética o desenvolvimento da linguagem a partir da aprendizagem da leitura e escrita (REIS, 2018, p. 9).

Além disso, as pesquisas alertam para a falta de produções acadêmicas sobre alfabetização e CF em crianças consideradas com deficiência, o que podemos perceber na tabela 6, anteriormente exposta, em que apenas 7 pesquisas focalizaram essa temática.

Na categoria “Consciência Fonológica e Tecnologias Digitais” foram abordados programas computadorizados, como protótipos de aplicativos, Alfabetização Fônica Computadorizada, minigames, *softwares* educacionais, para ajudar no processo de alfabetização e desenvolvimento da CF em crianças.

Os trabalhos arrolados nessa categoria propunham a criação ou avaliação de tecnologias, *softwares* educacionais já existentes para o desenvolvimento de CF em crianças.

Pensar em como se dão os processos de ensino e aprendizagem das primeiras letras nas classes de alfabetização, [...] aproximou este estudo da necessidade de inserirmos em nossas escolas objetos tecnológicos que venham a fomentar o trabalho docente na tarefa de ensinar a ler e escrever, de forma crítica e associada com as vivências dos alunos, nativos digitais (SOUSA, 2018, p. 104).

Tais investigações também reiteram que o desenvolvimento das habilidades de CF são imprescindíveis na aquisição da leitura e escrita, reconhecendo uma reciprocidade nesse processo. Logo, incentivam a utilização de tecnologias digitais voltadas para as atividades de CF, ensejando “facilitar” o processo de alfabetização. Contudo, notamos que a ênfase desses materiais digitais é nas propostas que abordam habilidades como isolamento de fonemas, identificação de fonemas, categorização de fonemas, transposição de fonemas, segmentação de fonemas e deleção de fonemas e rima etc.

A categoria denominada “Consciência Fonológica e Desenvolvimento Infantil” reuniu pesquisas que tratam da relação da consciência fonológica, o desenvolvimento infantil e o processo de aprendizagem da língua escrita. Essas pesquisas focalizaram mais especificamente em como os desvios fonológicos afetam o desenvolvimento das crianças em processo de alfabetização.

Tais pesquisas constataram que crianças com desvio fonológico apresentavam mais dificuldades na realização de tarefas de CF. Reconheciam, também, a relação existente entre os níveis de CF, os desvios fonológicos e a escrita, mas concluíram que nem todas as crianças com esses desvios vão expressá-los no momento da escrita.

De acordo com Menezes (1999) não podemos concluir que “crianças com desvios fonológicos evolutivos irão necessariamente reproduzir seus desvios na escrita, tendo dificuldades com as tarefas de ler e escrever” (MENEZES, 1999, p. 118). Além disso, a autora citando Magnusson, explicita que “nem todos os leitores deficitários foram portadores de distúrbios do desenvolvimento da linguagem, bem como nem todas as crianças com distúrbios de linguagem terão problemas com a leitura e a escrita” (MAGNUSSON, 1990, p. 116 *apud* MENEZES, 1999, p. 118).

As considerações dos dois autores supracitados reiteram que as crianças com desvios fonológicos são capazes de ler e escrever, corroborando para o cuidado de não afirmarmos que uma criança com desvio fonológico, conseqüentemente, terá dificuldades na leitura. Além deles, Staudt (2015) reforça:

Foi possível perceber que muitos professores e também a escola, de modo geral, não sabem o que fazer com essas crianças que apresentam uma fala diferente e, dessa forma, atribuem as dificuldades enfrentadas por elas na aprendizagem da escrita como decorrentes de seus “problemas” na fala. Dessa forma, conferem uma marca a esses alunos, considerando-os incapazes de avançar em seus conhecimentos sobre o código escrito enquanto não superarem suas falas desviantes. Para isso, segundo a escola, faz-se necessária a intervenção de uma terapia de fala, com intermediação fonoaudiológica. Entretanto, tratando-se de escolas públicas e de famílias com baixa renda, dificilmente tem-se acesso a esse recurso (STAUDT, 2015, p. 145).

Destarte, Staudt (2015) chama atenção para a importância da formação de professores, pois esses profissionais podem ajudar as crianças com desvios fonológicos, a avançar em sua leitura e escrita, com atividades pedagógicas diferenciadas, bem planejadas e objetivas, que estimulem a CF.

A categoria “Consciência Fonológica e Formação de Professores” reuniu pesquisas que se preocupavam, de modo abrangente, com o currículo e os conteúdos das disciplinas dos cursos de formação inicial e continuada de professores alfabetizadores.

Ao analisarmos as 6 produções catalogadas nessa categoria temática verificamos que todas reconhecem a relevância da CF na aprendizagem da leitura e escrita, entretanto demonstraram que as disciplinas dos cursos de formação inicial e continuada de alfabetizadores pouco tratam desse tema. A exemplo disso, temos o trabalho de Lacalendola (2017).

Por meio da análise documental das ementas coletadas, os dados indicam que as universidades localizadas na cidade de São Paulo que oferecem o curso de Pedagogia e que possuem como objetivo formar professores alfabetizadores, dificilmente incluem conteúdos relacionados a CF na disciplina que propõe oferecer subsídios para o futuro professor desenvolver o ensino da leitura e escrita, ou seja, alfabetizá-lo (LACALENDOLA, 2017, p. 108).

Esse dado trazido por Lacalendola (2017) é relevante pelo fato de o estado de São Paulo ter tido o maior número de pesquisas sobre CF, e mesmo assim, em suas universidades, o tema não aparece entre os conteúdos de disciplinas do curso de Pedagogia. Isso nos leva a refletir e buscar ainda mais aprofundamento nos dados, uma vez que percebemos que das 173 produções acadêmicas inventariadas neste trabalho, 55 são vinculadas a alguma instituição paulista, entretanto apenas 17 são da área da Educação.

Também nessa categoria, algumas pesquisas se preocuparam com resultados de cursos e minicursos oferecidos para estudantes de Pedagogia, e nos alertam para o fato de os conteúdos virem informando como o professor deve atuar na sala de aula, o que corre o risco

de torná-los meros repetidores, desconsiderando sua capacidade imaginativa, suas reflexões, autonomia e liberdade para criar e recriar suas práticas. Além disso, chamam atenção para alguns cursos que erroneamente buscam dissociar alfabetização e letramento, e que reduzem CF em consciência fonêmica, como nos diz Araújo (2022):

Dessa forma, em conformidade com entendimento de Moraes (2012), concordamos com que reduzir consciência fonológica ao trabalho com a consciência fonêmica seria uma ação negativamente eficiente. Nas palavras de Moraes “não reduzir consciência fonológica, a consciência fonêmica parece-nos um bom princípio para entendermos como algumas habilidades fonológicas participam, efetivamente, da bela empreitada que é a reconstrução do alfabeto por cada aprendiz” (ARAÚJO, 2022, p. 109).

Evidenciando o retrocesso provocado pelo curso de “Práticas de Alfabetização” proposto pelo programa Tempo de Aprender, da Política Nacional de Alfabetização, implementada pelo Governo Federal em 2019, a autora chama atenção para a necessária resistência dos professores:

Neste sentido, cabe a nós educadores e os demais dirigentes escolares, resistir a esta imposição autoritária, que perpassa a política pública de alfabetização, criando suas próprias estratégias de desenvolvimento da aprendizagem, ajustando as necessidades e realidades de cada aluno, dentro de um contexto, onde alfabetização e letramento estejam simultaneamente se completando. Estes são os obstáculos que assevera, a todos os educadores, principalmente aos professores alfabetizadores, que não devem se acovardar, nem desmerecer a seus estudos já realizados, as experiências vivenciadas, se tornando seres pensantes e que buscam o êxito para seus alunos (ARAÚJO, 2022, p. 112).

Na categoria denominada “Consciência Fonológica e Transtorno de Aprendizagem” agrupamos as pesquisas que tratavam das relações entre o desenvolvimento de consciência fonológica em crianças que apresentavam algum transtorno de aprendizagem e processo de alfabetização. Tais investigações, de modo geral, evidenciaram o papel importante da CF na alfabetização dessas crianças, que, segundo os pesquisadores, apresentavam transtornos que se relacionavam a algum déficit fonológico. Dessa forma, Silva (2009) reitera:

Nos últimos quarenta anos, autores têm defendido que o déficit fonológico é um dos fatores que pode explicar os problemas de leitura no distúrbio de aprendizagem. Para esses pesquisadores, as crianças com esse diagnóstico apresentam dificuldades no uso da rota sublexical para a leitura, ou seja, no uso do mecanismo de conversão grafema-fonema em atividades que exigem habilidades fonológicas, como na leitura de palavras inventadas ou na categorização de palavras quanto aos sons (BRADLEY; BRYANT, 1983; SNOWLING, 1995; SNOWLING; GALLAGHER; FRITH, 2003; SPEECE; RITCHEY, 2005; KLINGNER; ARTILES, 2006; KAMPS et al, 2008) (SILVA, 2009, p. 33-34).

Durante a pesquisa, vendo a recorrência de trabalhos relacionados à dislexia, interessamo-nos em saber mais sobre esse assunto. A tendência das investigações que tratavam sobre esse assunto foi de explicitar o que é a dislexia e a importância da compreensão dessa temática para um professor alfabetizador. Segundo Menezes (2008):

A dislexia é um transtorno de aprendizagem da leitura. Sua principal causa está no funcionamento diferente no cérebro dos disléxicos, pois utilizam áreas diferentes do cérebro para processar a informação. Isto faz com que tenham dificuldade para relacionar os fonemas com os grafemas, dificultando a decodificação de palavras e a fluência na leitura, fazendo com que não consigam compreender o que leem (MENEZES, 2008, p.152).

Uma das questões divergentes que surgiu nessas pesquisas e que também envolve a leitura, é a necessidade da CF ou do conhecimento do alfabeto para o desenvolvimento de tarefas iniciais de leitura e escrita, avaliando qual desses dois fatores é o mais importante. Dessa forma, há pesquisas que chamam atenção para o fato de não haver relação direta entre o conhecimento das letras e do princípio alfabético e a consciência fonológica.

Em contrapartida, Silva (2009) e Menezes (2008) já nos chamam atenção para a necessidade do conhecimento das letras, CF e sua relação com um bom desempenho na leitura. De acordo com Silva (2009) “os escolares que não obtiverem ganhos no conhecimento das letras certamente terão dificuldade em habilidades como as fonológicas” (SILVA, 2009, p. 116).

A intervenção psicopedagógica, portanto, foi realizada basicamente com o desenvolvimento da consciência fonológica, sendo preciso trabalhar todo o alfabeto, letra por letra, até associar todos os sons a todas as letras. Para tanto, utilizei materiais como o ‘Álbum dos Sons’ e jogos fonológicos (MENEZES, 2008, p. 152).

Nesta categoria, podemos observar também uso de testes e avaliações, alguns sobre CF, Leitura, Escrita, Processamento Fonológico, Quociente de Inteligência (QI), dentre outros.

De maneira sucinta, percebemos que em todas as categorias as pesquisas buscaram identificar a existência de relação entre CF e alfabetização, o que foi um resultado unânime. De certa forma, elas concordam que existe, sim, uma ajuda mútua entre a CF e o processo inicial de aprendizagem da leitura e da escrita. Ou seja, a CF auxilia no processo de alfabetização, e a aquisição da leitura e escrita ajuda no desenvolvimento da CF.

Entre os níveis de consciência fonológica, a consciência fonêmica foi a mais focalizada. Grande parte das pesquisas evidenciam que ela é uma consequência da

alfabetização, e os estudantes, mesmo alfabetizados, apresentam dificuldades em isolar fonemas.

Concluiu-se que as habilidades em consciência fonológica são favorecidas pelo domínio do código alfabético, todavia não necessariamente todas as crianças alfabetizadas têm bom desenvolvimento em consciência fonêmica, pois o total de crianças alfabetizadas (55,0%) da turma investigada difere do total de crianças que teve bom desempenho no teste de consciência fonêmica. Desse modo, conclui-se que dentre as habilidades de consciência fonológica, algumas são desenvolvidas anteriormente ao processo de alfabetização, como acontece com as habilidades silábica, de rima e de aliteração que são desenvolvidas espontaneamente e facilitam a apropriação do sistema de escrita, já a consciência fonêmica precisa de um treino mais sistemático para ser desenvolvida e é resultado do aprendizado da escrita (NERES, 2015, n.p).

Cielo (2001) compartilha dessa mesma ideia de Neres (2015), o nível de consciência fonêmica, por sua complexidade, é resultado do aprendizado da leitura e escrita, enquanto a consciência lexical e silábica são anteriores e ajudam no processo de alfabetização.

Embora muitos resultados se aproximam, há, evidentemente, várias dissonâncias, o que é próprio da ciência e da pesquisa acadêmica. Não buscamos equalizar perspectivas ou até mesmo apontar soluções aos problemas educacionais, nosso intuito, reiteramos, foi de compreender o que se pesquisou sobre CF na alfabetização de crianças brasileiras ao longo do tempo, aspecto que pretendemos continuar e aprofundar em nossas futuras investigações, para além da graduação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A priori, gostaria de enfatizar quão rica foi a experiência de realizar uma pesquisa de estado do conhecimento e a diferença que vejo nos meus conhecimentos e perspectivas sobre uma investigação científica, do momento que iniciei os trabalhos e, agora, ao final. Foram muitas idas e vindas, buscando mais de uma vez, informações nas obras, e isso ajudou na apropriação dos saberes no campo da alfabetização. Obviamente, ao longo do processo vamos amadurecendo e criando estratégias, algumas foram importantes e ajudaram muito, outras nem tanto. Por isso, deixamos registradas, aqui, algumas dicas para futuros pesquisadores que tenham interesse em fazer uma pesquisa como essa.

Quando iniciei meus estudos, coletando os dados, confesso que não tinha a dimensão do que faria exatamente com eles. Foi lendo os estudos de Soares (1989), Soares e Maciel (2000) e de Azambuja, Piccoli e Sperrhake (2022), que consegui entender o intuito desse tipo de pesquisa, quais tipos de dados iria ressaltar e como trazer tudo isso para o texto, em formato de tabelas e gráficos. Muitas vezes, o sentimento de incapacidade e insegurança vieram à tona no levantamento dos dados, entretanto, com amadurecimento das ideias, as leituras repetidas dos resumos das Teses e Dissertações, fui percebendo que a pesquisa não era um “bicho de sete cabeças”, apropriei-me de estratégias que ajudaram a chegar nesse entendimento.

Assim sendo, vamos descrever um pouco dessas estratégias. A primeira seria, ao entrar no Banco de Dados da CAPES é necessário, após fazer a busca, copiar todos os resultados em um documento, pois, se não fizermos isso, ao acessar a Base em outro momento, corremos o risco de as pesquisas identificadas não estarem na mesma ordem, dificultando o trabalho. O próximo passo seria copiar os resumos, e a posteriori, fazer uma leitura marcando palavras-chave, os objetivos e os resultados; essas marcações ajudaram sobremaneira na categorização das pesquisas e no levantamento de dados. Não excluir as pesquisas desconsideradas, mas separá-las em outros documentos é uma boa dica, pois, às vezes, é necessário voltar em algum dado e rever um critério de inclusão e/ou exclusão.

Ao categorizar as pesquisas, separe-as com seus respectivos resumos em documentos; cada categoria em um documento, isso facilita no momento de descrição e análise das mesmas, pois é possível perceber de forma mais fácil, as bases teóricas utilizadas para representá-las e de observar o que as pesquisas têm em comum e no que se distanciam.



Nossas tabelas foram todas feitas, inicialmente, à mão, todavia há muitas ferramentas digitais que podem contribuir para o pesquisador organizar os seus dados. A criação dos gráficos e tabelas é essencial nesse tipo de pesquisa, pois nos permite comparar e ter mais clareza das informações, dessa forma levantamos, refutamos e validamos hipóteses. Foi organizando as tabelas e os gráficos que senti a minha curiosidade e olhar de pesquisadora sendo mais aguçados, e comecei a perceber a evolução dentro da pesquisa.

Agora, vamos tratar do intuito e dos resultados deste trabalho, que foi mapear e analisar o panorama das pesquisas realizadas sobre CF e alfabetização no Brasil. Concluímos que existem várias pesquisas sobre essa temática, espalhadas em diversas regiões, não em mesma proporção, já que a região sudeste, sul e nordeste obtiveram mais destaque.

As 173 pesquisas identificadas também estão subdivididas em diferentes áreas do conhecimento: Educação, Linguística e Letras, Psicologia, Fonoaudiologia e outras. Nossa hipótese inicial seria que a maioria das produções acadêmicas estariam concentradas na área de Fonoaudiologia, por ser a CF um estudo sobre os sons, e isso poderia estar vinculado às intervenções fonoaudiológicas. Entretanto, essa hipótese foi refutada, pois as duas grandes áreas que se destacaram, inclusive igualaram-se no número de pesquisas, foram a Educação e a Linguística e Letras.

A respeito das universidades, percebemos uma amplitude; ao todo foram encontradas pesquisas sobre CF em 63 universidades espalhadas pelo Brasil, com destaque para a Universidade de São Paulo. De igual forma, são 124 orientadores das Teses e Dissertações identificadas.

De forma concisa, concordamos com muitos estudos, que o trabalho com CF deve ser iniciado na Educação Infantil (EI), pois a ludicidade, a brincadeira, podem estar presentes nesse processo, isso depende da mediação e da formação dos docentes. Iniciar o trabalho com a CF na EI, utilizando métodos tradicionais de ensino, utilizando a memorização, a repetição mecânica, é diferente por exemplo, do trabalho com jogos.

Recentemente, no projeto de extensão “Oficina de Alfabetização”, que participo na UFJF, ao chegarmos na escola campo, uma menina do 1º ano do Ensino Fundamental, nos abordou e demonstrou empolgação ao nos ver, correndo veio perguntar: “Tia, hoje tem jogos pra gente?” Tal atitude reforça o argumento de que a mediação no processo de alfabetização, a concepção que os professores, coordenadores e diretores têm sobre esse processo e sobre a CF, faz toda diferença quando pensamos se cabe ou não esse trabalho desde a EI.

Insta ressaltar que das 173 pesquisas estudadas, há muita ênfase nos jogos digitais para desenvolvimento de CF e são incipientes as pesquisas sobre jogos físicos. Quando pensamos

nesses jogos digitais sabemos que as escolas precisam ter recursos para que seja possível utilizar essas ferramentas. Já os jogos físicos são de mais fácil acesso.

Quanto ao grau das pesquisas, já esperávamos o número de Mestrados serem maiores, no entanto, a pouca diferença entre o número de Mestrados Profissionais e Doutorados, uma diferença de apenas de 8 pesquisas, nos surpreendeu.

Essa ausência de pesquisas de Doutorado sobre a consciência fonológica, acreditamos ter relação direta com o que Amorim (2014) nos diz, ao relatar a falta de algo novo nessas produções acadêmico-científicas e até mesmo o estudo do óbvio, pois vários trabalhos apresentaram, em diferentes palavras, o mesmo objetivo e mesmos resultados finais. Todavia, é importante que esses resultados possam, de alguma forma, dar subsídios aos professores alfabetizadores compreenderem como explorar a CF em sala de aula.

Em suma, os estudiosos perceberam o potencial existente na relação entre alfabetização e CF, mesmo considerando um ou outro nível. Acreditamos que é necessário nos aprofundarmos e contrapomos as investigações aqui inventariadas, visto que são sutis algumas diferenças entre elas, de modo que não podemos generalizar os resultados apontados nas categorias temáticas propostas.

De forma geral, as pesquisas demonstram que muitos professores desconhecem o trabalho com a CF, outros conhecem o tema, mas não identificam um trabalho sobre as habilidades de CF em sua prática pedagógica. Assim sendo, precisamos de mais estudos sobre CF nos cursos de formação inicial e continuada de alfabetizadores, para que percebam que o trabalho com CF não é defender um ou outro método de alfabetização, mas de explorar uma rica reflexão sobre os segmentos sonoros da nossa língua.

Dando continuidade a essa pesquisa, uma das questões interessantes é estudar mais a fundo as Teses e Dissertações sobre CF e alfabetização da área da Educação, para fazer um levantamento e reflexão das práticas pedagógicas, consideradas pelos professores, como contribuições para o desenvolvimento da CF na sala de aula da Educação Infantil e dos Anos Iniciais.

Por fim, concluímos que trabalhar com CF não é, especificamente, colocar as crianças para manipular fonemas isolados. Não são poucas as pesquisas que, mesmo utilizando métodos que se alinhavam à proposta de instrução fônica, demonstraram que crianças alfabetizadas tinham dificuldades em tarefas de segmentação, isolamento de fonemas etc. Assim como Moraes (2020) reiteramos que não defendemos o uso de métodos fônicos ao evidenciarmos as contribuições da CF. Embora haja muitas distinções entre as áreas de saberes e grupos de pesquisa, concordamos com Soares (2014, p. 35): “ainda que

reconhecendo múltiplos SABERES e múltiplos FAZERES, não nos fecharmos excessivamente cada um, cada grupo, na sua certeza, mas juntarmos as nossas certezas para realizarmos o nosso QUERER para a alfabetização”.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Marilyn Jager; BEELER, Terri; FOORMAN, Bárbara R.; LUNDBERG, Ingvar. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Artmed Editora, 2018.
- ALMEIDA, Graciliana Ribeiro de. **Consciência fonológica no processo de aquisição da leitura e da escrita**. 2018. 153 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Natal, 2018.
- AMORIM, Karen Santos. **Estado da arte sobre consciência fonológica na educação infantil no Brasil no período de 2001-2011**. 2014. 115 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Mestrado profissional e Mestrado acadêmico: aproximações e diferenças. **Revista Diálogo Educacional**, 2017, 17(53), 823–841.
- ARAGAO, Silvia de Souza Azevedo; MORAIS, Artur. Gomes de. Como crianças alfabetizadas com o método fônico resolvem tarefas que avaliam a consciência fonêmica?. **Educação em Revista** (Online), v. 36, p. 1, 2020.
- ARAUJO, Rosivania Diniz. **A consciência fonológica no processo de alfabetização: análise do curso de formação continuada em práticas de alfabetização**. 2022. 118 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2022.
- BARRERA, Sylvia Domingos. **Consciência Fonológica e Linguagem Escrita em Pré-Ecolares**. 1995. 179 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade De São Paulo, São Paulo, 1995.
- BRANDÃO, Ana Carolina Alves Perrusi; FERREIRA, Andréa Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). **Manual Didático: Jogos de Alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- CIELO, Carla Aparecida. **Habilidades em consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade**. 2001. 176 p. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2001.
- CORDEIRO, Maria Helena Baptista Vilares. **O uso de pistas grafo-fonéticas na aquisição de leitura e sua relação com o conhecimento de letras, consciência fonológica e concepção de escrita**. 1994. 235 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.
- COUTINHO, Marília Lucena. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n.º. 79, agosto, p. 257-272, 2002.

FERREIRA, Valéria Silva. **Relações Entre Consciência Fonológica e Aquisição Da Linguagem Escrita:** Estudo Com Crianças Pré-escolares. 2002. 201 p. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2002.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1979.

FILHO, Jose Carlos De Franca. **Consciência fonológica:** o saber e o fazer de professoras alfabetizadoras. 2015. 124 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2015.

FREITAS, Fabiana Rego. **Desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica:** independência e interdependência funcional no repertório de leitores iniciantes. 2008. 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal De São Carlos, São Carlos, 2008.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. **Consciência fonológica e aquisição da escrita:** um estudo longitudinal. 2004. 132 p. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. **Estado do conhecimento da alfabetização no brasil (1944 2009).** 2011. 212 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

HARTEN, Ana Claudia Marinho. **O comportamento da influência da habilidade de leitura no desenvolvimento da consciência fonológica.** 1994. 210 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

KAJIHARA, Olinda Teruko. **Avaliação das habilidades fonológicas de disléxicos do desenvolvimento.** 1998. 272 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade De São Paulo, São Paulo, 1998.

LACALENDOLA, Luana Valentim. **Estudo sobre a presença dos conteúdos de Consciência Fonológica nos Cursos de Pedagogia e a relação com o PNAIC.** 2017. 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LAND, Veronica. **Uma proposta de estimulação da consciência fonológica nos anos iniciais da alfabetização por meio de um jogo digital:** ABC da fazenda. 2019. 99 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2019.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Alfabetização no Brasil: pesquisas, dados e análise. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). **Alfabetização e seus sentidos:** o que sabemos, fazemos e queremos?. Marília: Oficina Universitária ; São Paulo : Editora Unesp, 2014. 352p.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; ROCHA, Juliano Guerra. Alfabetização no Brasil, o estado do conhecimento: histórias e memórias no Ceale/FaE/UFMG. In: V Congresso Brasileiro de Alfabetização, 2021, Florianópolis. **Anais do V Congresso Brasileiro de Alfabetização.** Florianópolis: Udesc, 2021. p. 1-11.

MAINARDES, Jefferson. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. **Educar em revista**, v. 34, n. 72, p. 303-319, 2018.

MALUF, Maria Regina; BARRERA, Sylvia Domingos. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 10, p. 125-145, 1997.

MANGUEIRA, Marcia Cristina Bomfim Ramos de. **A consciência fonológica e seu potencial preditivo de aquisição e aprendizado da leitura e da escrita**. 2016. 145 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste Da Bahia, Vitória da Conquista, 2016.

MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro. **A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos**. 1999. 140 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 1999.

MENEZES, Rosilaine de Paula. **Intervenção psicopedagógica com uma aluna disléxica**. 2008. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2008.

MOLIN, Katiane Dal. **O sistema de escrita alfabética no livro didático de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental: uma análise na perspectiva do alfabetizar letrando**. 2021. 128 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade De Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.

MONTEIRO, Marcia Helena Nunes. **Análise de Teses e Dissertações que privilegiam as vozes de professoras alfabetizadoras sobre o seu processo de formação continuada**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MORAIS, Antonio Manuel Pamplona. **A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura**. 1994. 142 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. 1. ed, 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MORAIS, Artur Gomes de. O desenvolvimento da consciência fonológica e a apropriação da escrita alfabética entre crianças brasileiras. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 1, 2015.

MORAIS, Artur Gomes de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz; MORAIS; Artur Gomes (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. Editora Melhoramentos, 2012.

MORESCHI, Mariana Dos Santos Moretto. **Efeitos de programa multissensorial com ênfase fônica na promoção de habilidades de letramento emergente em pré-escolares**.

2015. 123 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade De São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo; OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de; PASQUIM, Franciele Ruiz. 50 anos de produção acadêmica brasileira sobre alfabetização: avanços, contradições e desafios. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.5, n.13, p.06-31, 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da Alfabetização**: São Paulo, 1876 – 1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NAZARI, Gracielle Tamioso. **Panorama de pesquisas sobre consciência fonológica de crianças com desenvolvimento normal realizadas no Brasil - 1991 até 2009**. 2010. 172 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

NERES, Bruna Rodrigues da Silva. **Escrita e consciência fonológica na pós-alfabetização**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

NIEDERMAYER, Luci Piletti. **O desenvolvimento da consciência fonológica no processo de alfabetização**. 2019. 146 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Parana, Natal, 2019.

PAIVA, Anabelle Veloso De Melo Vieira Afonso Ferreira. **Consciência Fonológica e alfabetização: Uma Análise dos Exercícios Propostos nos Livros Didáticos**. 2014. 98 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica De Pernambuco, Recife, 2014.

PICOLOTTO, Elena Adriana Dietrich. **Crenças e atitudes de professores quanto ao trabalho com a consciência fonológica nos processos de alfabetização e letramento**. 2022. 116 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal Do Paraná, Pato Branco, 2022.

PINTO, Bárbara de Lavra. **Avaliação da consciência fonológica em crianças com síndrome de Down**. 2008. 179 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2008.

REIS, Márcia Regina dos. **Constituição da linguagem escrita de uma criança considerada com deficiência intelectual**: contribuições da perspectiva histórico-cultural. 2018. 215 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Marília, 2018.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. **Revista diálogo educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SANTANA, Thayane Sampaio Campos. **A relação entre consciência fonológica e aquisição da escrita em crianças do 1º ano do ensino fundamental, antes e após um programa de intervenção**. 2018. 98 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual De Feira De Santana, Feira de Santana, 2018.

SANTO, Edeil Reis do Espírito. **Consciência fonológica e prática alfabetizadora: por uma ação teórico-metodológica para o ensino da linguagem escrita.** 2013. 221 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual De Feira De Santana, Feira de Santana, 2013.

SICCHERINO, Luciene Aparecida Felipe. **Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo com crianças do 1º ano do ensino fundamental.** 2007. 69 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Cláudia da. **Eficácia de um Programa de Remediação Fonológica e Leitura em Escolares com Distúrbio de Aprendizagem.** 2009. 201 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho/Marília, Marília, 2009.

SILVA, Marco Cesar Kruger da. **Consciência fonológica e relações Grafema-Fonema na alfabetização: contribuições de um programa de ensino.** 2018. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Do Estado De Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento.** Brasília, DF: INEP; Santiago: REDUC, 1989.

SOARES, Magda. Alfabetização: o saber, o fazer, o querer. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora UNESP, 2014.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento.** Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2000.

SOUSA, Josue Alves. **Artefatos tecnológicos como suporte pedagógico para o estímulo das habilidades de consciência fonológica.** 2018. 114 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) - Universidade Do Estado Da Bahia, Salvador, 2018.

SOUZA, Abda Alves Vieira de; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves; LIMA, Amara Rodrigues de; BARROS, Emmanuella Farias de Almeida; SOUZA, Sirlene Barbosa de. Concepção de formação continuada no PNAIC 2013. In: PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves; BARROS, Zuleica de Sousa; CONSTANT, Elaine; MARTINIÁK, Vera Lucia; CONCEIÇÃO, Jefferson Willian Silva da (Orgs.). **Paradigmas e bases conceituais para formação continuada.** Rio de Janeiro/RJ: 2022.

SPERRHAKE, Renata; AZAMBUJA, Luiza; PICOLLI, Luciana. Alfabetização e consciência fonológica na produção acadêmica em nível de pós-graduação no Rio Grande do Sul (1993-2020). In: TROQUEZ, Marta Coelho Castro; SILVA, Thaise da; MILITÃO, Andréia Nunes (Orgs.). **Educação, formação de professores e práticas educativas.** Editora Oeste, p. 129-135, 2022.



STAUDT, Leticia Bello. **Eu não sei falar direito, então eu erro a palavra:** problematizando os desvios fonológicos no processo de alfabetização escolar. 2015 168 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

TEIXEIRA, Nataly Santos Do Nascimento. **O efeito do ensino do emparelhamento auditivo-visual de fonemas e grafemas e do ditado de sílabas na aquisição de leitura recombinativa.** 2018. 145 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia experimental: análise do comportamento) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

VARELLA, Noely Klein. **Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da fala?** 1993. 288 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 1993.

VERNON, Sofia; FERREIRO, Emilia. Writing Development: A neglected variable in the consideration of phonological awareness. **Harvard Educational Review**, v. 69, n. 4, p. 395-415, 1999.

WOLFF, Clarice Lehnen. **Descobrimo as rimas em poemas:** estudo sobre os efeitos das rimas na consciência fonológica e suas relações com os demais níveis de consciência linguística durante o processo de alfabetização. 2015. 285 p. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2015.

## APÊNDICE

Ano	Teses e Dissertações
1995	BARRERA, Sylvia Domingos. <b>Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares</b> . 1995. 179 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
1998	KAJIHARA, Olinda Teruko. <b>Avaliação das habilidades fonológicas de disléxicos do desenvolvimento</b> . 1998. 272 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
1999	MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro. <b>A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos</b> . 1999. 140 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
2000	<p>ALMEIDA, Cristiana Corrêa de. <b>Processamento auditivo e fonológico em crianças: Influência da faixa etária e da alfabetização</b>. 2000. 119 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Federal De São Paulo, São Paulo, 2000.</p> <p>ALVES, Virgínia de Oliveira. <b>Qual a influência da consciência do contraste oral/nasal na aquisição inicial do sistema de nasalização da ortografia do português</b>. 2000. 155 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.</p> <p>BARRERA, Sylvia Domingos. <b>Linguagem oral e alfabetização: um estudo sobre variação linguística e consciência metalinguística em crianças da 1a. série do ensino fundamental</b>. 2000. 225 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.</p> <p>CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra. <b>Leitura, Escrita e Consciência Fonológica: Desenvolvimento, Intercorrelações e Intervenção</b>. 2000. 262 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.</p>
2001	<p>CIELO, Carla Aparecida. <b>Habilidades em consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade</b>. 2001 176 p. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.</p> <p>GODOY, Dalva Maria Alves. <b>Testes de Consciência Fonológica e suas Relações com a Aprendizagem da Leitura no Português</b>. 2001. 103 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.</p> <p>GUIMARÃES, Sandra Regina Kirchner. <b>Dificuldades na aquisição e aperfeiçoamento da leitura e da escrita: o papel da consciência fonológica e da consciência sintática</b>. 2001. 269 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.</p>
2002	FERREIRA, Valéria Silva. <b>Relações entre consciência fonológica e aquisição da linguagem escrita: estudo com crianças pré escolares</b> . 2002. 201 p. Tese (Doutorado

	em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
2003	CARVALHO, Wilson Júnior de Araújo. <b>O desenvolvimento da consciência fonológica:</b> da sensibilidade à consciência plena das unidades fonológicas. 2003. 331 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
2004	FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. <b>Consciência fonológica e aquisição da escrita:</b> um estudo longitudinal. 2004. 132 p. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
2005	BICUDO, Nilse Antonia Corte. <b>Dificuldades escolares e consciência fonológica:</b> um estudo com alunos de 2ª e 3ª série do ensino fundamental. 2005. 137 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.  GODOY, Dalva Maria Alves. <b>Aprendizagem inicial da leitura e da escrita no português do Brasil:</b> influência da consciência fonológica e do método de alfabetização. 2005. 188 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.  RAMOS, Norma Suely Campos. <b>Consciência Fonológica do Português do Brasil:</b> descrição e análise de cinco testes. 2005. 145 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.  SALLES, Jerusa Fumagalli de. <b>Habilidades e dificuldades de leitura e escrita em crianças de 2ª série:</b> abordagem neuropsicológica cognitiva. 2005. 307 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.  VIEIRA, Michele Gindri. <b>Memória de trabalho e consciência fonológica no desvio fonológico.</b> 2005. 140 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.
2006	BASSO, Fabiane Puntel. <b>A estimulação da consciência fonológica e sua repercussão no processo de aprendizagem da lecto-escrita.</b> 2006. 149 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.  BUBLITZ, Grasiela Kieling. <b>Fatores intervenientes no letramento de crianças antes do ensino formal.</b> 2006. 74 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.  CAMELO, Mislene Lima. <b>Equivalência de Estímulos com Procedimentos Combinados e Consciência Fonológica na Aquisição da Leitura recombinativa.</b> 2006. 197 p. DIssertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.  GINDRI, Gigiane. <b>Memória de Trabalho, Consciência Fonológica e Hipótese de Escrita: um estudo com alunos de pré-escola e de primeira série.</b> 2006. 158 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.  MORAES, Daisinalva Amorim de. <b>As práticas de alfabetização de professoras da rede estadual de ensino de pernambuco e a formação de crianças alfabetizadas e letradas.</b> 2006. 204 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de

	<p>Pernambuco, Recife, 2006.</p> <p>VASCONCELOS, Francisca das Chagas Medeiros. <b>Desenvolvimento da Consciência Fonológica: Correlações com a aprendizagem da leitura e escrita.</b> 2006. 94 p. Dissertação (Profissionalizante em Fonoaudiologia) - Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2006.</p>
2007	<p>DURIGAN, Joara Corrêa de Oliveira. <b>Práticas pedagógicas e desempenho escolar de crianças em processo de alfabetização.</b> 2007. 179 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.</p> <p>GONDIM, Márcia Regina Alves. <b>Práticas de letramento em classes de alfabetização de crianças e desenvolvimento da consciência fonológica.</b> 2007. 143 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.</p> <p>MARCHETTI, Patricia Maria Torres. <b>O desenvolvimento da consciência fonológica no início da pré-escola.</b> 2007. 85 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.</p> <p>SICCHERINO, Luciene Aparecida Felipe. <b>Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo com crianças do 1º ano do ensino fundamental.</b> 2007. 69 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.</p>
2008	<p>BISPO, Neusa Lopes. <b>Metalinguagem e alfabetização: efeitos de uma intervenção para recuperação de alunos com dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita.</b> 2008. 260 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.</p> <p>CABRAL, Ana Catarina Pereira dos Santos. <b>O que pensam e fazem duas professoras de alfabetização e o que seus alunos aprendem?</b> 2008. 226 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.</p> <p>COELHO, Juliana Maria Lima. <b>A experiência do ciclo de alfabetização (1986-1988) na formação dos professores da rede municipal de ensino de recife: algumas reflexões.</b> 2008. 134 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.</p> <p>FREITAS, Fabiana Rego. <b>Desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica: independência e interdependência funcional no repertório de leitores iniciantes.</b> 2008. 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.</p> <p>MEI, Chi Kow. <b>Intervenção Coletiva com o Uso de Programa de Alfabetização Fônica Computadorizada em Crianças da recuperação do Ciclo I.</b> 2008. 92 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.</p> <p>MENEZES, Rosilaine de Paula. <b>Intervenção psicopedagógica com uma aluna disléxica.</b> 2008. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.</p> <p>PINTO, Bárbara de Lavra. <b>Avaliação da consciência fonológica em crianças com síndrome de Down.</b> 2008. 179 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) -</p>

	<p>Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.</p> <p>SCHERER, Ana Paula Rigatti. <b>Consciência fonológica e explicitação do princípio alfabético</b>: importância para o ensino da língua escrita. 2008. 231 p. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.</p> <p>SUEHIRO, Adriana Cristina Boulhoça. <b>Processos fonológicos e perceptuais e aprendizagem da leitura e escrita</b>: instrumentos de avaliação. 2008. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 2008.</p> <p>TOFFOLI, Melissa Bernardes. <b>O papel da estimulação das habilidades auditivo-verbais na consciência fonológica de crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental</b>. 2008. 131 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.</p>
2009	<p>CARVALHO, Gustavo Paiva de. <b>Aquisição de leitura sob o paradigma da equivalência de estímulos e o comportamento precorrente auxiliar</b>: Efeitos do treino de habilidades fonológicas. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Ciências Do Comportamento) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.</p> <p>GUEDES, Mariana Chaves Ruiz. <b>Consciência Fonológica em Períodos Pré e Pós-Alfabetização</b>. 2009. 134 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.</p> <p>MIRANDA, Luciene Corrêa. <b>Consciência metalingüística e a ortografia de palavras morfológicamente complexas</b>. 2009. 68 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.</p> <p>OLIVEIRA, Lucimar Ferreira da Silva. <b>A consciência fonológica na alfabetização e a preparação do professor – estudo de caso</b>. 2009. 101 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2009.</p> <p>SALIDO, Luciana Ferreira Marcilio. <b>Compreensão auditiva, vocabulário auditivo, processamento auditivo, consciência fonológica, leitura, escrita, e inteligência não-verbal</b>: inter-relações e parâmetros normativos para 1ª a 3ª série da educação fundamental. 2009. 100 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.</p> <p>SAS, Roberta Moreno. <b>Efeitos de um programa de remediação fonológica nas habilidades de leitura e escrita em alunos com Síndrome de Down</b>. 2009. 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.</p> <p>SILVA, Cláudia da. <b>Eficácia de um Programa de Remediação Fonológica e Leitura em Escolares com Distúrbio de Aprendizagem</b>. 2009. 201 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.</p> <p>SOUZA, Débora Vidor e. <b>A consciência fonoarticulatória em crianças com desenvolvimento fonológico normal e desviante</b>. 2009. 99 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.</p>
	<p>ANDRADE, Olga Valéria Campana dos Anjos. <b>Instrumentalização pedagógica para</b></p>

2010	<p><b>avaliação de crianças com risco de dislexia.</b> 2010. 235 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Marília, 2010.</p> <p>CARVALHO, Lina Maria de Moraes. <b>Consciência fonológica e sucesso na aprendizagem da leitura e da escrita:</b> melhor prevenir do que remediar. 2010. 319 p. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.</p> <p>LIMA, Amara Rodrigues de. <b>Educação Infantil e alfabetização:</b> Um olhar sobre diferentes práticas de ensino. 2010. 182 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.</p> <p>NAZARI, Gracielle Tamioso. <b>Panorama de pesquisas sobre consciência fonológica de crianças com desenvolvimento normal realizadas no Brasil - 1991 até 2009.</b> 2010. 172 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.</p> <p>PINTO, Sabrina Maria Pimentel da Cunha. <b>Análise do processamento fonológico e do desempenho escolar nas séries iniciais do ensino fundamental.</b> 2010. 101 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios Da Comunicação Humana) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.</p>
2011	<p>LEITE, Tânia Maria Soares Bezerra Rios. <b>Alfabetização:</b> Evolução de habilidades cognitivas envolvidas na aprendizagem do sistema de escrita alfabética e sua relação com concepções e práticas de professores. 2011. 298 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.</p> <p>MATOS, Carolina Ferreira Conti de. <b>A relevância da consciência metalingüística na ortografia de palavras morfológicamente complexas na língua portuguesa.</b> 2011. 138 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.</p> <p>MORAES, Jamile Arnaut Brito. <b>Habilidades metalingüísticas e suas intercorrências na alfabetização de crianças.</b> 2011. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.</p> <p>PATAH, Luciane Kalil. <b>Relações entre os desempenhos em Nomeação Rápida, Consciência Fonêmica, Conhecimento de Letras e Leitura e Escrita em 1º e 2º ano do Ensino Fundamental.</b> 2011. 172 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.</p> <p>SANTOS, Liliana Fraga dos. <b>Consciência fonológica e aquisição da linguagem escrita:</b> conhecimentos lingüísticos na prática. 2011. 132 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.</p>
	<p>ANDRADE, Elizabete Maria de Almeida. <b>Abordagem fônica para remediar a defasagem na aquisição de leitura e escrita:</b> o papel da capacitação de professores. 2012. 115 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.</p> <p>CARVALHO, Dayse Karoline Sousa Silva de. <b>Fonologia e alfabetização:</b> efeitos de um programa de intervenção para recuperação de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental com atrasos na aprendizagem da linguagem escrita. 2012. 134 p.</p>

2012	<p>Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.</p> <p>GONÇALVES, Talita Fernanda. <b>Desempenho de escolares com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em habilidades de leitura e escrita.</b> 2012. 108 p. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Universidade de São Paulo/Fac. Odontologia De Bauru, Bauru, 2012.</p> <p>PAZETO, Talita de Cássia Batista. <b>Avaliação de funções executivas, linguagem oral e escrita em pré-escolares.</b> 2012. 120 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.</p> <p>QUEIROZ, Jacqueline Travassos de. <b>Uma Investigação Sobre a Natureza da Relação entre Consciência Morfológica, Leitura e Escrita.</b> 2012. 126 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.</p> <p>RAMOS, Norma Suely Campos. <b>Consciência fonológica e aprendizagem da língua escrita: o papel do conhecimento (meta)linguístico do professor alfabetizador do ciclo da infância.</b> 2012. 158 p. Tese (Doutorado em Lingüística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.</p> <p>SILVA, Monique Cantelli da. <b>Influência das alterações de fala sobre os transtornos de leitura e da escrita.</b> 2012. 66 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.</p>
2013	<p>CABRAL, Ana Catarina dos Santos Pereira. <b>Educação Infantil: um estudo das relações entre diferentes práticas de ensino e conhecimentos das crianças sobre a notação alfabética.</b> 2013. 298 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.</p> <p>COSTA, Danielle Cristina Alves da. <b>Relação entre consciência fonológica e leitura/escrita de palavras isoladas.</b> 2013. 74 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Fonoaudiologia) - Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2013.</p> <p>MANZOLI, Priscila Maria de Lima Ribeiro. <b>Verificação da eficácia do CD-ROM Alfabetização Fônica Computadorizada no desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica e de leitura.</b> 2013. 82 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.</p> <p>MELLO, Regina Oneda. <b>Alfabetização e produção textual: implicações da consciência fonológica.</b> 2013. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2013.</p> <p>SANTO, Edeil Reis do Espírito. <b>Consciência fonológica e prática alfabetizadora: por uma ação teórico-metodológica para o ensino da linguagem escrita.</b> 2013. 221 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.</p> <p>VESPOLI, Ana Carolina Torres. <b>A consciência fonológica e o programa ler e escrever.</b> 2013. 161 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2013.</p>
	<p>ALEIXO, Barbara de Lavra Pinto. <b>Consciência fonológica e habilidades de escrita em</b></p>

2014	<p><b>indivíduos com Síndrome de Down:</b> um estudo longitudinal. 2014. 192 p. Tese (Doutorado em Lingüística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.</p> <p>AMORIM, Karen Santos. <b>Estado da arte sobre consciência fonológica na educação infantil no Brasil no período de 2001-2011.</b> 2014. 115 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Da Bahia, Salvador, 2014.</p> <p>ARAUJO, Maria Das Doris Moreira de. <b>O ensino-aprendizagem da consciência fonológica em materiais didáticos de educação infantil e de anos iniciais do ensino fundamental.</b> 2014. 149 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.</p> <p>CUNHA, Tereza Cristina Almeida de Souza. <b>A consciência fonológica e a prática docente no contexto escolar.</b> 2014. 67 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2014.</p> <p>MARTINS, Edilvania Soares Pereira. <b>Uma prática de mediação entre os saberes da oralidade e da escrita:</b> despertando a consciência fonológica e a compreensão do processo de transição. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.</p> <p>NAVES, Tatiana Povia. <b>Revisão bibliográfica sobre softwares de aprendizagem da leitura envolvendo a consciência fonológica:</b> um olhar da fonoaudiologia. 2014. 73 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.</p> <p>OLIVEIRA, Esmeralda Aparecida de. <b>Letramento emergente, consciência fonológica e leitura de alunos com deficiência intelectual no ensino regular.</b> 2014. 77 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.</p> <p>PAIVA, Anabelle Veloso de Melo Vieira Afonso Ferreira. <b>Consciência Fonológica e Alfabetização:</b> Uma Análise dos Exercícios Propostos nos Livros Didáticos. 2014. 98 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.</p> <p>RIBEIRO, Macilene Vilma Goncalves. <b>Conexões entre as habilidades da consciência fonológica e a produção escrita da criança:</b> o trabalho de análise da sílaba na fase inicial de alfabetização. 2014. 189 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.</p> <p>ROSAL, Angelica Galindo Carneiro. <b>Contribuições da consciência fonológica e nomeação seriada rápida para aprendizagem inicial da escrita.</b> 2014. 106 p. Dissertação (Mestrado em Saúde da Comunicação Humana) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.</p>
	<p>BERNARDELLI, Anelise dos Santos. <b>A língua escrita em ciclo final de alfabetização:</b> uma interface com consciência fonológica. 2015. 158 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Natal, 2015.</p> <p>CAVALCANTE, Kenia Queiroz. <b>Consciência fonológica e níveis psicogenéticos de escrita nos 1º e 2º anos do ensino fundamental.</b> 2015. 83 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual Do Ceará, Fortaleza, 2015.</p>



2015	<p>CAXIAS, Aldenice da Silva. <b>A relação entre a consciência fonológica e a aquisição da escrita:</b> ressignificando o processo de alfabetização. 2015. 155 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Natal, 2015.</p> <p>COLODETTI, Camila Maria Silveira. <b>O efeito do ensino de relações envolvendo sílabas e fonemas-grafemas sobre a leitura recombinativa.</b> 2015. 204 p. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.</p> <p>CORREA, Karen Cristina Carvalho. <b>A influência da oralidade na escrita nos anos iniciais.</b> 2015. 121 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Natal, 2015.</p> <p>FILHO, Jose Carlos de Franca. <b>Consciência fonológica:</b> o saber e o fazer de professoras alfabetizadoras. 2015. 124 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.</p> <p>FREITAS, Ana Mara Alves de. <b>Consciência fonológica:</b> a utilização de jogo digital como estratégia para o ensino de língua portuguesa. 2015. 108 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.</p> <p>GUTIERREZ, Liza. <b>Programa de estimulação da consciência fonológica no primeiro ano do ensino fundamental:</b> efeitos sobre a escrita inicial e os erros motivados pela fonologia. 2015. 122 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal De Pelotas, Pelotas, 2015.</p> <p>LOPES, Maria Isabel. <b>O impacto do "Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa" no ensino da leitura inicial em escolas municipais e estaduais de Santa Cruz do Sul:</b> dando voz aos professores. 2015. 261 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2015.</p> <p>MENDES, Gabriela Guarnieri. <b>Processamento fonológico e habilidades de leitura e de escrita em crianças em processo de alfabetização.</b> 2015. 109 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.</p> <p>MONCAYO, Marjorie Agre Leao. <b>A utilização dos jogos pedagógicos como ferramenta auxiliar no processo de aquisição de escrita.</b> 2015. 122 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Natal, 2015.</p> <p>MORESCHI, Mariana Dos Santos Moretto. <b>Efeitos de programa multissensorial com ênfase fônica na promoção de habilidades de letramento emergente em pré-escolares.</b> 2015. 123 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.</p> <p>NERES, Bruna Rodrigues da Silva. <b>Escrita e consciência fonológica na pós-alfabetização.</b> 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.</p> <p>OLIVEIRA, Maria Nilde. <b>A importância do conhecimento docente sobre a consciência fonológica na prática pedagógica.</b> 2015. 59 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2015.</p>
------	--

	<p>ROCHA, Auxiliadora Carvalho da. <b>A consciência fonológica e o desenvolvimento da leitura:</b> os jogos digitais como estratégia pedagógica. 2015. 107 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Acre, Natal, 2015.</p> <p>ROCHA, Marialice Hoss. <b>Alfabetização:</b> o impacto do ensino guiado por instruções fonológicas na aprendizagem da linguagem escrita. 2015. 195 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.</p> <p>SEGIN, Miriam. <b>Alfabetização e deficiência intelectual:</b> estudo sobre o desenvolvimento de habilidades fonológicas em crianças com síndrome de williams e síndrome de down. 2015. 160 p. Tese (Doutorado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.</p> <p>SILVA, Janaina de Castro Azevedo. <b>A consciência fonológica e suas implicações na aquisição da língua escrita.</b> 2015. 171 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Natal, 2015.</p> <p>STAUDT, Leticia Bello. <b>Eu não sei falar direito, então eu erro a palavra:</b> problematizando os desvios fonológicos no processo de alfabetização escolar. 2015. 168 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos, São Leopoldo, 2015.</p> <p>WOLFF, Clarice Lehnen. <b>Descobrimo as rimas em poemas:</b> estudo sobre os efeitos das rimas na consciência fonológica e suas relações com os demais níveis de consciência linguística durante o processo de alfabetização. 2015. 285 p. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.</p>
2016	<p>CERQUEIRA, Juciana Santos. <b>Consciência fonológica e aquisição da escrita:</b> perfil dos sujeitos do Ensino Fundamental I em Euclides da Cunha - BA. 2016. 129 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.</p> <p>CORREA, Andreia Alves. <b>Impacto de um programa de ensino para o desenvolvimento de habilidades metafonológicas e metamorfológicas na aprendizagem inicial da leitura e da escrita.</b> 2016. 166 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 2016.</p> <p>DIAS, Emille Burity. <b>Relação entre leitura de palavras isoladas, consciência fonológica e funções executivas.</b> 2016. Dissertação (Mestrado em Neurociência Cognitiva e Comportamento) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.</p> <p>HENRIQUES, Flavia Guimaraes. <b>Consciência fonológica:</b> dimensionalidade e precisão de classificação do risco/não risco de dificuldade de leitura e de escrita. 2016. 62 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.</p> <p>MANGUEIRA, Marcia Cristina Bomfim Ramos de. <b>A consciência fonológica e seu potencial preditivo de aquisição e aprendizado da leitura e da escrita.</b> 2016. 145 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016.</p> <p>PITOMBO, Sheila Coutinho Paiva. <b>A consciência fonológica e o ensino das relações letra-som para a compreensão do princípio alfabético:</b> resultados de um programa de</p>

	<p>intervenção. 2016. 196 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.</p> <p>POSPICHIL, Raquel Cunha. <b>Crêterios de desempenho de trêz instrumentos de avaliaçãõ da consciênciã fonolôgicã</b>. 2016. 78 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.</p> <p>RODRIGUES, Pauliana do Nascimento. <b>Efeitos da exposiçãõ combinada a programas informatizados de ensino de leitura, escrita e consciênciã fonolôgicã a alunos com Dificuldade de Aprendizagem</b>. 2016. 150 P. Dissertação (Mestrado Em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.</p> <p>SARGIANI, Renan de Almeida. <b>Fases iniciais da aprendizagem da leitura e da escrita em portuguêz do Brasil: Efeitos de fonemas, gestos articulatóriõs e sílabas na aquisição do mapeamento ortogrãfico</b>. 2016. 213 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.</p> <p>SILVA, Jose Pereira da. <b>A consciênciã fonolôgicã na escrita de alunos de 5º ano do ensino fundamental</b>. 2016. 105 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual Da Paraíba, Natal, 2016.</p>
2017	<p>CASTRO, Danielle Andrade Silva de. <b>A contribuiçãõ das habilidades de letramento emergente para as competênciãs iniciais de leitura e escrita</b>. 2017. 99 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.</p> <p>DAMASCENO, Esmeralda Sandra Santos. <b>Programa de resposta à intervençãõ: modelo de estimulaçãõ no ambiente educacional para aprimoramento de habilidades subjacentes à leitura</b>. 2017. 125 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.</p> <p>DUARTE, Zulmira Alessandra Barckfeld. <b>Consciênciã Fonolôgicã e sua relaçãõ com a escrita: pistas de consciênciã fonolôgicã da rima silábica na escrita de criançãs estudantes de terceiro ano do Ensino Fundamental</b>. 2017. 130 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.</p> <p>FONSECA, Mariana Fernandes. <b>Preparando a leitura na educação infantil: o desenvolvimento da consciênciã fonolôgicã</b>. 2017. 149 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.</p> <p>INACIO, Debora Pinto. <b>Consciênciã fonolôgicã e prática pedagôgicã nas classes de alfabetizaçãõ</b>. 2017. 231 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2017.</p> <p>LACALENDOLA, Luana Valentim. <b>Estudo sobre a presençã dos conteúdos de consciênciã fonolôgicã nos cursos de pedagogia e a relaçãõ com o PNAIC</b>. 2017. 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2017.</p> <p>LANDIM, Marcia Regina Melchior. <b>Compreensãõ leitora e capacidade inferencial</b>. 2017. 181 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.</p> <p>RAMOS, Adriana Príncipe dos Reis Albuquerque. <b>Habilidades metafonolôgicãs e conhecimento do nome das letras na alfabetizaçãõ: estudo longitudinal com criançãs</b></p>

	<p>do primeiro ano do ensino fundamental. 2017. 86 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.</p>
2018	<p>ALMEIDA, Graciliana Ribeiro de. <b>Consciência fonológica no processo de aquisição da leitura e da escrita</b>. 2018. 153 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Natal, 2018.</p> <p>FEITOSA, Floriza de Abreu. <b>Consciência fonológica, reconhecimento de palavras e decodificação de frases: uma pesquisa com alunos do 2º ano do ensino fundamental</b>. 2018. 83 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.</p> <p>FEITOZA, Jussara Maria Morais. <b>Contribuição da consciência fonológica e das correspondências grafofônicas no desenvolvimento da leitura</b>. 2018. 124 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Ceará, Natal, 2018.</p> <p>FREIRE, Thais. <b>Ações da fonoaudiologia na escola: programa de estimulação da consciência fonológica em escolares do 1º ano do ensino fundamental</b>. 2018. 114 p. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia) - Universidade de São Paulo, Bauru, 2018.</p> <p>GUIMARAES, Vitor Neves. <b>Estudo da contribuição das habilidades visuoespaciais para o desenvolvimento da leitura em crianças típicas nativas de língua portuguesa</b>. 2018. 20 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de São João Del-Rei, São João del Rei, 2018.</p> <p>LIRA, Sandra Maria Tavares. <b>Relações entre consciência fonológica, nomeação automática rápida e habilidades de leitura de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental</b>. 2018. 81 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) - Centro Universitário Fieo, Osasco, 2018</p> <p>LOPES, Cecilia Cristina Cesar Leopoldo. <b>Proposta integrada de estimulação da consciência fonológica na alfabetização</b>. 2018. 213 p. Dissertação Mestrado Profissional em Educação) - Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, 2018.</p> <p>MARQUES, Debora Mattos. <b>O impacto da estimulação da consciência fonológica nas habilidades de leitura e escrita em indivíduos de desenvolvimento atípico – uma revisão crítica da literatura</b>. 2018. 222 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.</p> <p>MELLO, Ana Paula Barbieri de. <b>Políticas para a educação infantil: o lugar da consciência fonológica na base nacional comum curricular</b>. 2018. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2018.</p> <p>PEREIRA, Samantha. <b>Influência dos treinos do vocabulário expressivo e da consciência silábica no desenvolvimento inicial da leitura</b>. 2018. 75 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.</p> <p>PEREIRA, Silene Fernandes. <b>O ensino da escrita com base na consciência fonológica: desafios e contribuições para o aprendiz com dificuldade de aprendizagem</b>. 2018. 154 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do</p>

	<p>Sudoeste da Bahia, Natal, 2018.</p> <p>REIS, Marcia Regina dos. <b>Constituição da linguagem escrita de uma criança considerada com deficiência intelectual: contribuições da perspectiva histórico-cultural.</b> 2018. 215 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2018.</p> <p>SANTANA, Thayane Sampaio Campos. <b>A relação entre consciência fonológica e aquisição da escrita em crianças do 1º ano do ensino fundamental, antes e após um programa de intervenção.</b> 2018. 98 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.</p> <p>SANTOS, Austonio Queiroz dos. <b>GameAlfa: Jogo Digital como recurso tecnológico para alunos em processo de alfabetização do segundo ano do Ensino Fundamental.</b> 2018. 136 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2018.</p> <p>SILVA, Ariana Santana da. <b>Alfabetização e inclusão: o trabalho com a consciência fonológica e o desenvolvimento da escrita em um aluno com deficiência intelectual.</b> 2018. 182 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.</p> <p>SILVA, Marco Cesar Kruger da. <b>Consciência fonológica e relações Grafema-Fonema na alfabetização: contribuições de um programa de ensino.</b> 2018. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.</p> <p>SOARES, Cristina Dallastra. <b>Prática pedagógica de alfabetizadores do 1º ano: interrogações sobre a formação continuada.</b> 2018. 188 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.</p> <p>SOUSA, Josue Alves. <b>Artefatos tecnológicos como suporte pedagógico para o estímulo das habilidades de consciência fonológica.</b> 2018. 114 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.</p> <p>TEIXEIRA, Nataly Santos do Nascimento. <b>O efeito do ensino do emparelhamento auditivo-visual de fonemas e grafemas e do ditado de sílabas na aquisição de leitura recombinativa.</b> 2018. 145 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.</p>
	<p>GATTO, Regiane Kosmoski Silvestre. <b>Efeitos de um Programa de Intervenção em Letramento Emergente desenvolvido com crianças do último ano da Educação Infantil.</b> 2019. 117 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.</p> <p>LAND, Veronica. <b>Uma proposta de estimulação da consciência fonológica nos anos iniciais da alfabetização por meio de um jogo digital: ABC da fazenda.</b> 2019. 99 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2019.</p> <p>MESQUITA, Fernanda de Carvalho. <b>Evidências de validade entre instrumentos de avaliação da consciência fonológica.</b> 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -</p>

2019	<p>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019.</p> <p>NEVES, Maiza de Miranda. <b>Desempenho em leitura, consciência fonológica e nomeação rápida:</b> estudo com alunos do 1º ano do ensino fundamental. 2019. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação ) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.</p> <p>NIEDERMAYER, Luci Piletti. <b>O desenvolvimento da consciência fonológica no processo de alfabetização.</b> 2019. 146 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Natal, 2019.</p> <p>OLIVEIRA, Ariane Aparecida de. <b>Proposta para estimulação da consciência fonológica na educação infantil.</b> 2019. 118 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2019.</p> <p>PLACITELI, Daiana Aparecida. <b>Habilidades de processamento fonológico em crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura.</b> 2019. 81 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.</p> <p>SANTOS, Marcela Araujo Nogueira dos. <b>O processamento leitor de crianças do 1º ano do ensino fundamental:</b> descrevendo habilidades de consciência fonêmica, decodificação e compreensão leitora. 2019. 122 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.</p> <p>SILVA, Denise Viana. <b>A consciência fonológica em escolares com defasagem/atraso escolar nos anos iniciais da educação formal:</b> avaliação do software legere. 2019. 143 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.</p>
2020	<p>PRADO, Luciana Augusta Ribeiro do. <b>Alfabetização em jogo:</b> o uso dos jogos digitais no desenvolvimento da consciência fonológica para aprendizagem do sistema de escrita alfabética. 2020. 192 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.</p> <p>SANTOS, Kelly Alves Rocha dos. <b>A articulação entre o ensino e o aprendizado do sistema de escrita alfabética e da consciência fonológica no bloco inicial de alfabetização.</b> 2020. 191 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.</p> <p>SCALZITTI, Carla Melissa Klock. <b>Conhecimentos linguísticos na Educação Infantil:</b> as atividades de sensibilização fonológica como contributo para aquisição do Sistema Notacional Alfabético. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.</p> <p>SILVA, Maria Helena da. <b>Relação do sistema fonológico e consciência fonológica em crianças pré-escolares de baixa renda.</b> 2020. 88 p. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.</p> <p>SPOHR, Fabiele Lermen. <b>A relação entre consciência fonológica, alfabetização e letramento na perspectiva da memória social de professoras alfabetizadoras.</b> 2020. 104 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais) - Universidade La Salle, Canoas, 2020.</p> <p>VASSAO, Adriane Meyer. <b>Aquisição da consciência fonológica e dos mecanismos de</b></p>

	<p><b>leitura e escrita.</b> 2020. 60 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.</p>
2021	<p><b>BASTOS, Jessica Mendonca. Proposta didática com jogos digitais para o ensino dos grafemas e em contextos regulares diante de vogais não anteriores na perspectiva da alfabetização e dos multiletramentos.</b> 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro, Natal, 2021.</p> <p><b>BRITES, Luciana Mota Dias. Efeitos de um programa de estimulação da consciência fonológica em crianças de educação infantil no ambiente escolar.</b> 2021. 100 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.</p> <p><b>BRITO, Maria Silma Lima de. Decodificação e a compreensão leitora nos anos iniciais do ensino fundamental:</b> uma pesquisa correlacional e colaborativa. 2021. 176 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.</p> <p><b>CORDEIRO, Kelly Maia. Práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da consciência fonológica e da consciência morfológica na alfabetização.</b> 2021. 172 p. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.</p> <p><b>LEITE, Leandro Butier. Alfabetização e letramento no 5º Ano do Ensino Fundamental:</b> problemas de aprendizagem e proposta de intervenção. 2021. 176 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Natal, 2021.</p> <p><b>LEMOS, Flavia Ferreira. Intervenção na consciência fonológica e vocabulário em crianças de baixa renda em fase de alfabetização.</b> 2021. 80 p. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.</p> <p><b>MEKHITARIAN, Stephanie Pandjarjian. Consciência fonológica em crianças com dificuldade de alfabetização na presença ou ausência de transtornos dos sons da fala.</b> 2021. 83 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios Da Comunicação Humana) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021.</p> <p><b>MOLIN, Katiane Dal. O sistema de escrita alfabética no livro didático de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental:</b> uma análise na perspectiva do alfabetizar letrando. 2021. 128 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.</p> <p><b>QUINTAL, Tania Maria Massaruto de. Contribuições das Ciências Cognitivas para a alfabetização em uma proposta de formação de professores.</b> 2021. 326 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar E Do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.</p> <p><b>SCHELL, Janaina. Contribuições do ensino fônico para a alfabetização de crianças com atrasos na aprendizagem da leitura e escrita.</b> 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Do Centro-Oeste, Guarapuava, 2021.</p> <p><b>SCOTINI, Carolina Yoshida. Criação e validação de um protótipo de aplicativo para intervenção e treino de consciência fonológica.</b> 2021. 60 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo,</p>

	2021.
2022	<p>ALVES, Kamila Carneiro. <b>A construção de representações escritas do tipo silábico ccv do português do Brasil:</b> contribuições de intervenções explícitas em consciência grafofonêmica. 2022. 201 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022.</p> <p>ANDRADE, Michele Abreu. <b>Consciência fonológica e sua relação com o letramento alfabético:</b> uma proposta didática para o primeiro ano do ensino fundamental. 2022. 146 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022.</p> <p>ARAGAO, Silvia de Sousa Azevedo. <b>Conhecimentos sobre a escrita alfabética revelados por crianças ao final da educação infantil.</b> 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.</p> <p>ARAÚJO, Rosivania Diniz. <b>A consciência fonológica no processo de alfabetização:</b> análise do curso de formação continuada em práticas de alfabetização. 2022. 118 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2022.</p> <p>FORMOSO, Tailine Pereira Lomeu. <b>Alunos com defasagem na leitura e escrita:</b> Um ebook para desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica. 2022. 184 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.</p> <p>HIGA, Adriana Setsumi. <b>Percepção visomotora, habilidades metalinguísticas e linguísticas em crianças com queixa escolar de aprendizagem.</b> 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade São Francisco, Campinas, 2022.</p> <p>LAMBERTY, Julceia Veridiana Teixeira. <b>Transtorno do espectro do autismo (TEA) e tecnologia assistiva:</b> uso de um jogo digital para auxiliar no desenvolvimento da consciência fonológica nas salas de recursos. 2022. 240 p. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2022.</p> <p>MAROTTI, Beatriz Dantas. <b>Programa de estimulação da consciência fonológica, leitura e escrita:</b> resposta a intervenção (RTI) para escolares no 1º ano do ensino fundamental. 2022. 174 p. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Universidade de São Paulo, Bauru, 2022.</p> <p>PEREIRA, Ana Cristina Santos. <b>Jogos digitais e o processo de construção da alfabetização e do letramento:</b> um relato de experiência sobre o desenvolvimento da consciência fonológica em alunos com deficiência intelectual. 2022. 177 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2022.</p> <p>PICOLOTTO, Elena Adriana Dietrich. <b>Crenças e atitudes de professores quanto ao trabalho com a consciência fonológica nos processos de alfabetização e letramento.</b> 2022. 116 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2022.</p> <p>SILVA, Elaine Aparecida Chagas da. <b>A importância do desenvolvimento da consciência fonológica no processo de aquisição de leitura e escrita na alfabetização:</b> utilização de uma sequência didática como proposta pedagógica. 2022.</p>



	130 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2022.
--	---